



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

**Espaços públicos na democratização e direito à cidade no  
Barreiro: coprodução e cogovernança a partir dos vários atores  
na Braamcamp**

Barbara Alves Pinto Bravo

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadores:

Doutora Cláudia Alexandra Rebelo Paio, Prof. Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Tiago Mota Saraiva, Professor Auxiliar convidado  
Universidade de Lisboa

Outubro, 2021

Departamento de Arquitectura e Urbanismo

**Espaços públicos na democratização e direito à cidade no Barreiro: coprodução e cogovernança a partir dos vários atores na Braamcamp**

Barbara Alves Pinto Bravo

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadores:

Doutora Cláudia Alexandra Rebelo Paio, Prof. Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Tiago Mota Saraiva, Professor Auxiliar convidado  
Universidade de Lisboa

Outubro, 2021

# Resumo

A área da Alburrica/Braamcamp tem um papel significativo na identidade do Barreiro, considerada de extrema importância do ponto de vista histórico, patrimonial, paisagístico e sócio-ambiental, notadamente por sua posição geográfica de confluência entre o rio Tejo e o rio Coia, e pela presença de diversas espécies de animais. A preocupação assenta-se na integração desta área enquanto uma estrutura verde importante no município do Barreiro. É a segunda maior no concelho, seguido da Mata da Machada, entretanto, encontra-se em processo de degradação. Neste sentido, foi elaborado um projeto de arquitetura visando a regeneração urbana da península da Alburrica considerando as diversas escalas e envolvendo a população e agentes locais durante o processo de trabalho. O acesso ao espaço público no sentido físico e político é o tema central deste estudo e reflete-se nas intenções projetuais, onde delineou-se os lugares poéticos da memória e da paisagem, num jogo com os sentidos de “lugar” e “não lugar” a partir dos indivíduos, de estruturas e dos possíveis eventos. Recorreu-se a diversas ferramentas exploratórias a abarcar uma leitura do território enquanto área geográfica e suas relações (localização), dos quadros formais e informais produzidos (local), como também dos modos de apropriação das características e qualidade físico-materiais e afetivas da área selecionada (sentido de lugar). As micro narrativas temporais combinadas à poética da paisagem da Alburrica exprimem-se num convite para a deambulação e para o caminhar naquela zona. Este movimento desvela, identifica e cria paisagens, praticado aqui enquanto um instrumento de intervenção urbana, da arquitetura e da paisagem.

## Palavras chave

espaços públicos; participação; direito à cidade; Alburrica



# Abstract

The Alburrica/Braamcamp area plays a significant role in the identity of Barreiro, extremely important from the historical, heritage, landscape and socio-environmental point of view due to its geographical position of confluence between the Tagus River and the Coia River and the presence of several species of animals. The concern is based on its integration as an important green structure in the municipality. It is the second largest in Barreiro, followed by Mata da Machada, however, it is in a process of degradation. In this sense, an architectural project was elaborated aiming at the urban regeneration of the peninsula according to different scales and involving the population and local agents during the work process. Access to public space in the physical and political sense is the central theme of this study and is reflected in the design intentions, which outlined the poetic places of memory and landscape, in a game with the meanings of "place" and "non-place" from individuals, structures and possible events. Several exploratory tools were used to encompass a reading of the territory as a geographic area and its relationships (location), the formal and informal frameworks produced (local), as well as the ways of appropriating the physical-material quality and affective characteristics (sense of place). The temporal micro narratives combined with the poetics of the Alburrica landscape are expressed as an invitation to wander and walk in that area. This movement unveils, identifies and creates landscapes, practiced here as an instrument of urban, architectural and landscape intervention.

## Key words

public spaces; participation; right to the city; Alburrica



# Índice

<b>Índice de quadros e figuras</b>	<b>9</b>
<b>Introdução</b>	<b>11</b>
Lugar e (res)significação espacial	16
Lugar da memória	18
A importância do espaço público na democratização e direito à cidade	19
A arquitetura e seus limites	23
<b>Capítulo 1</b>	<b>27</b>
<b>Um olhar sobre o Barreiro e Alburrica</b>	<b>27</b>
1.1 A Alburrica e a sua relação territorial	27
1.2 As micro narrativas temporais no Barreiro e Alburrica	29
<b>1.3 A poética da paisagem na Alburrica</b>	<b>35</b>
<b>Capítulo 2</b>	<b>41</b>
<b>Ensaio metodológico</b>	<b>41</b>
2.1 Meios de compreensão do território	42
2.2 A criação de narrativas espaciais	49
<b>Capítulo 3</b>	<b>55</b>
<b>Projeto de arquitetura</b>	<b>55</b>
3.1 Projeto global	58
3.2 Enquadramento do local do projeto	59
3.3 Projeto	62
<b>Conclusões</b>	<b>71</b>
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>73</b>



# Índice de quadros e figuras

## Quadros

Quadro i.1 - Os três aspectos ou significados da discussão geográfica

Quadro i.2 - As três dimensões da Teoria de Produção do Espaço segundo Lefebvre

## Figuras

Figura i.1 - Localização geográfica da área Alburrica/Braamcamp

Figura i.2 - Diagrama síntese da revisão crítica

Figura i.3 - Diagrama síntese da revisão crítica

Figura 1.1 - As micro narrativas temporais no Barreiro e Alburrica

Figura 1.2 - Património Moageiro na Alburrica e adjacências

Figura 1.3 - Moinho de Vento Gigante

Figura 1.4 - Fotografia da Alburrica

Figura 1.5 - Fotografia da Alburrica

Figura 1.6 - Fotografia da Alburrica

Figura 1.7 - Fotografia da presença de aves na Alburrica

Figura 1.8 - Fotografia da Alburrica

Figura 1.9 - Fotografia da Alburrica

Figura 2.1 - Paleta de cores da Alburrica

Figura 2.2 - Site Um Poema para a Alburrica

Figura 2.3 - Instalação das portas

Figura 2.4 - Os cinco percursos na Alburrica e no Barreiro

Figura 2.6 - Deambular pela Alburrica

Figura 2.7 - Os cinco percursos na Alburrica e no Barreiro

Figura 2.8 - Desenho dos percursos pelas pessoas na Alburrica/ Braamcamp

Figura 3.1 - Identificação das fraquezas, ameaças, oportunidades e forças

Figura 3.2 - Identificação das camadas na Alburrica

Figura 3.3 - Área de acesso à Alburrica

Figura 3.4 - Diagrama do projeto dos espaços públicos de acesso à Alburrica

Figura 3.5 - Diagrama conceitual do projeto dos espaços públicos

Figura 3.6 - Planta geral do projeto

Figura 3.7 - Plataforma de acesso ao rio

Figura 3.8 - Praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário

Figura 3.9 - Vista isométrica da Praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário

Figura 3.10 - Observatório das aves

# Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção para a zona selecionada em projeto final de arquitetura, mais especificamente, a área da Braamcamp situada no município do Barreiro. Sua fundamentação teórica deu-se através da seleção de um artigo, um livro e a realização de uma entrevista exploratória inicial. Nomeadamente, o artigo *Carta aberta ao senhor primeiro-ministro: a visão de Ribeiro Telles* e o *Plano de Recuperação Económica* (Pena, S. et al, 2020), o livro *Morte e Vida de Grandes Cidades* (Jacobs, 2011) e realizada a entrevista exploratória com Augusto Sousa, a representar a *Plataforma Braamcamp é de Todos*<sup>1</sup>.

O artigo selecionado para a realização desta primeira etapa apresentou questões relevantes ligadas à atual visão estratégica relativa à sustentabilidade ecológica do território, nomeadamente a recuperação do seu capital natural. Os signatários da Carta aberta apresentada no artigo argumentam a necessidade de uma ação de âmbito nacional que esteja em sintonia com as iniciativas europeias nesta matéria, por meio do resgate da política de Ribeiro Telles<sup>2</sup> e a visão atual da União Europeia (UE).

Atualmente, as políticas referentes a esta temática são assumidas de forma urgente na agenda política europeia, seja no âmbito da recuperação económica e social, seja pelos princípios do *Green New Deal*<sup>3</sup>. A Comissão Europeia apresentou a Nova Estratégia para a Biodiversidade 2030, onde prospectam-se as estratégias e significativos financiamentos (25% do orçamento da UE). Priorizam-se investimentos para a *Rede Natura 2000*<sup>4</sup> e Infraestruturas Verdes, sobretudo, em soluções baseadas na natureza (*Nature Based Solutions*). As metas estabelecidas envolvem o restauro da biodiversidade para além da sua proteção. Fundamentalmente, assume-se e projeta-se uma estrutura “verde” a escalas mais abrangentes, contínuas e interligadas.

---

<sup>1</sup> “A Plataforma Cidadã Braamcamp é de Todos constituiu-se em 31 de março de 2019, numa Assembleia Cidadã, na sequência de diversas ações de pessoas, constituídas ou não em movimentos, e também da vontade de associações representativas de interesses coletivos de natureza social, ambiental e patrimonial”  
Fonte: <https://braamcampers.pt/>

<sup>2</sup> Foi Subsecretário de Estado do Ambiente nos I (Adelino da Palma Carlos), II e III (Vasco Gonçalves) Governos Provisórios. Foi Ministro de Estado e da Qualidade de Vida do VII Governo Constitucional (AD, de Francisco Pinto Balsemão), de 1981 a 1983. Criou as zonas protegidas da Reserva Agrícola Nacional, da Reserva Ecológica Nacional e as bases do Plano Diretor Municipal.

<sup>3</sup> O Green New Deal (novo acordo verde) é uma série de propostas económicas para ajudar a combater as alterações climáticas e a desigualdade económica.

<sup>4</sup> A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia resultante da aplicação da Diretiva 79/409/CEE do Conselho, de 2 de abril de 1979 (Diretiva Aves) - revogada pela Diretiva 2009/147/CE, de 30 de novembro - e da Diretiva 92/43/CEE (Diretiva Habitats) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. Constitui o principal instrumento para a conservação da natureza na União Europeia.

Simultaneamente, em junho de 2020, foi apresentado o documento “Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica e Social de Portugal 2020-30”, preparado pelo professor António Costa Silva, que perspectiva a economia nacional para os próximos dez anos.

No entanto, os autores da Carta chamam a atenção para a necessidade de resgate da visão integrada de Ribeiro Telles, pois “é necessário “construir” uma estrutura contínua onde aquele Sistema Nacional de Áreas Protegidas se inclua com as áreas anteriormente classificadas, mas interligadas” (Pena, 2020). No entanto, a sua visão tem sido aplicada de forma muito enviesada segundo os autores. Há diferentes razões para a sua transfiguração, entre as quais, a falta de unificação e coordenação. Neste sentido, os signatários propõem a harmonização de uma série de componentes para assegurar a Infraestrutura Ecológica - Verde e Azul - a ser incluída nos diversos planos de ordenamento do território e escalas. Reivindicam a convergência das orientações e financiamentos Europeus e Nacionais, bem como a mobilização dos agentes envolvidos - públicos e privados.

Verifica-se, portanto, a priorização no que diz respeito às estruturas ecológicas - terra e mar -, mas que muitas vezes se resume à dimensão económica ou ambiental. A nível social, o que é verificado nas estratégias, reduz-se as pessoas a constituir-se como mão-de-obra, ou seja, trabalho para uma amortização económica. Consta-se que, em muitos casos, as pessoas não são alvo integrante enquanto uma estratégia concreta. Ou seja, não há uma relação de pertencimento à natureza, mas um descolamento das pessoas em que a natureza é uma fonte em que deve ser protegida devido, também, à excessiva extração e possível escassez a longo prazo.

A preocupação da integração da área da Braamcamp enquanto uma estrutura verde importante no município do Barreiro é levantada em entrevista com Augusto Sousa. Ele identifica-a como uma das duas maiores estruturas verdes no concelho do Barreiro: a Braamcamp (21 hectares) e a Mata da Machada (387 hectares). Sobretudo, o entrevistado identifica as características gerais identitárias da cidade para permitir uma melhor compreensão de sua relevância e as questões inerentes ao processo de urbanização da área da Braamcamp.

Barreiro é um concelho pequeno e, conforme identificado por Augusto Sousa, é dividido em norte e sul pela linha de comboio. A norte, há uma malha urbana densificada e, a sul, uma zona predominantemente rural. Sobretudo, três eixos fundamentais foram motriz no desenvolvimento urbano no século passado. O concelho está associado, a longa data, à indústria, particularmente no século passado com a introdução da CUF. No entanto, anterior a esta fase, as atividades económicas giravam em torno da cortiça. E o terceiro eixo é a ferrovia.

A redução ou desaparecimento destes três eixos transformou o concelho no que conhecemos hoje: “um término e não, necessariamente, uma zona de passagem” (Augusto Sousa, 2020),

limitando significativamente as condições e atividades no Barreiro. Segundo o entrevistado, a tendência tem sido construir o Barreiro como uma zona dormitório em detrimento de uma potente atividade económica. Esta dinâmica é fundamental para o entendimento do território, seja a nível do concelho ou a nível da Braamcamp.

A Braamcamp, por sua vez, foi inicialmente uma área com atividade económica (com a produção dos fios de seda) e, mais tarde, produção de cortiça. Após a insolvência da cortiça, o espaço foi passando por um processo de abandono e, atualmente, faz parte do património do município com diferentes intenções projetuais para a área<sup>5</sup>. Por um lado, há uma intenção da Câmara Municipal em transformar e densificar aquele espaço em zona residencial, com a construção de altos edifícios. Por outro, outras entidades (sobretudo associações que formaram a plataforma Braamcamp é de Todos) que reivindicam que seja um espaço aberto à população, nomeadamente a reabilitação dos edifícios e moinho, renaturalização da paisagem, instalação de investigação em torno das implicações das alterações climáticas e energias alternativas e espaços de recreação, lazer, cultura, restauração.

A área atualmente encontra-se em gradual degradação e desertificação, apesar da sua histórica importância patrimonial, ambiental, cultural, social e económica. Aqui, é possível identificar diferentes intenções para a área que se traduziria no território de forma distinta. A proposta do trabalho é a renaturalização de ecossistemas e integração de infraestruturas verdes: Braamcamp como espaço público atendendo às aspirações das pessoas e coletividades locais. Portanto, definir o que a área da Braamcamp poderia ser, através da observação exploratória para que se alcance um projeto que tenha uma ampla discussão e participação das pessoas que vivem no concelho. O problema da investigação circunscreve a ideia de que as pessoas são parte integrante da natureza e da cidade.

A intenção não está limitada ao desenvolvimento de ideias projetuais pré concebidas para o território, mas o contrário: definir linhas gerais através da observação exploratória e mediação entre os diferentes agentes locais. Jane Jacobs (2011) elucida-nos sobre a importância da observação, “pois as pessoas dão utilidade aos parques e fazem deles um sucesso, ou então não os usam e os condenam ao fracasso” (Jacobs, 2011 : 97). A autora levanta questões importantes quanto às ideias pré concebidas de áreas livres. Apesar de venerados, há uma relação acrítica sobre estes espaços no planeamento urbano ortodoxo. Ela sublinha que estas áreas não serão utilizadas só por existirem. Mas recebem diversas influências das diferentes partes da cidade no seu entorno.

---

<sup>5</sup> Relativamente aos trâmites verificados nesta área, ver em entrevista com Augusto Sousa e notícias de jornal. Neste trabalho, assumindo a intenção de configurar a proposta teórica preliminar do projeto final de arquitetura, optou-se pela não descrição de todo o processo, mas um resumo.

Primeiro, porque os parques urbanos não são providos automaticamente de virtudes que promovam as vizinhanças, mas são eles (os parques) que são diretamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere. Isto é, os parques “são fruto de sua vizinhança e da maneira como vizinhança gera uma sustentação mútua por meio de usos diferentes ou deixa de gerar essa sustentação” (Jacobs, 2011 : 107).

Segundo, porque um parque genérico, isto é, inerte funcionalmente de seu entorno, fica vazio por longos períodos do dia. Este é um princípio, segundo a autora, crucial: a diversidade e complementaridade funcional dos parques permitem melhor desempenho social e económico. Os parques devem somar-se à diversidade como um elemento novo e prestar um serviços ao entorno, com usos em diferentes horários ao longo do dia. A ideia de complementaridade entre os parques e outras áreas da cidade embasa a observação apresentada pela autora de que os parques, para serem bem sucedidos, raramente têm a concorrência de outras áreas livres.

Os parques que são muito usados, segundo a autora, costumam incluir quatro elementos fundamentais em seu projeto: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial. A complexidade dá-se pela multiplicidade de motivos - e horários - que as pessoas têm para frequentar os parques do bairro. A centralidade: dá-se por um cruzamento principal e ponto de parada, num local de destaque. Ela chama a atenção de como as pessoas são inventivas ao utilizar o centro dos parques, mas, em geral, os centros mais agradáveis dos parques costumam servir de palco às pessoas.

Por sua vez, a delimitação espacial serve para criar uma forma definida de espaço, de modo que ele se destaca como um elemento importante no cenário urbano. Pode-se pontuar um desafio para a Braamcamp: ele se situa na ponta extrema do bairro, limitado pelo rio Tejo e Coïna. A possível desertificação do parque pode comprometê-lo. Para isso, Jacobs incentiva a criação de “artigos de primeira necessidade”, ou seja, convertê-lo de parque genérico em parque específico através da diversidade de usos, que atrai frequentadores diferentes.

Em suma, uma vista magnífica e paisagismo bonito não funcionam como artigos de primeira necessidade; mas podem funcionar como complemento. Mas é a variedade de usos que garantem seu funcionamento, observando as pessoas e as influências concretas locais. Neste sentido, tem-se como objetivos centrais repensar a área da Braamcamp em conjunto com as pessoas e associações locais - através da participação -, integrar a quinta à infraestrutura verde do concelho segundo princípios e diretrizes sustentáveis - através da renaturalização -, constituir a Braamcamp como área chave a complementar usos locais, descortinar o valor patrimonial e ambiental da área, identificar as economias pré existentes locais como alavanca sócio-económica.



## Lugar e (res)significação espacial

O alcance do sentido de “lugar” comporta um sentido geograficamente vago, pois o significado e a “imagem” estão geralmente ausentes, havendo mais acepções numerosas e/ou vagas (De Souza, 2015). Marcelo de Souza (2015) menciona três elementos principais na discussão geográfica traçado por Agnew<sup>6</sup> e Oslender<sup>7</sup>: *place* (localização), *locale* (local<sup>8</sup>) e *sense of place* (sentido de lugar).

O primeiro refere-se à área geográfica físico-material condicionada económica e politicamente numa escala ampla. A segunda está relacionada aos quadros - formais e informais - cujas interações e relações cotidianas são produzidas. O sentido de lugar refere-se aos modos de apropriação das características e qualidade físico-materiais de determinada localização geográfica através da experiência e imaginação.

Quadro i.1 - Os três aspectos ou significados da discussão geográfica segundo Agnew-Oslender

<b><i>Place</i></b>	<b><i>“Locale”</i></b>	<b><i>Sense of place</i></b>
Área geográfica físico-material condicionada económica e politicamente numa escala ampla.	Quadros - formais e informais - cujas interações e relações cotidianas são produzidas.	Modos de apropriação das características e qualidade físico-materiais de determinada localização geográfica através da experiência e imaginação.

Fonte: Barbara Bravo, 2021, com base em Marcelo Lopes de Souza (2015)

Estas concepções do espaço são importantes no sentido em que delineiam os significados epistemológicos. Neste estudo será abordado em duas dimensões: (i) o lugar como um espaço

<sup>6</sup> BA. Geografia e Política, Universidade de Exeter, Inglaterra, 1970; Cert.Ed. Educação, Universidade de Liverpool, Inglaterra, 1971; M.A. Geography, Ohio State University, Columbus, OH, 1973; Ph.D. Geografia, Ohio State University, Columbus OH, 1976.

<sup>7</sup> PhD em Geografia, University of Glasgow, 2001; MA em Geografia e Estudos Hispânicos, University of Glasgow, 1997.

<sup>8</sup> Tradução de *locale*, porém sem relação com um nível escalar particular.

percebido e vivido<sup>9</sup> cujo significado tem base no desenvolvimento dos sentidos de lugar e das imagens de lugar; e (ii) um significado ligado à dimensão do poder ou às percepções imediatas.

Considerar-se-á a sua dimensão cultural-simbólica que envolve questões ligadas às identidades, intersubjetividade e trocas simbólicas, bem como questões ligadas ao poder que envolve questões ligadas à produção e governança através dos vários atores. Importa referir estas diferenças para a elaboração clara e objetiva da intervenção que será desenvolvida, a tomar em conta o substrato material bem como os sentimentos e imagens que se produzem.

As áreas denominadas Quinta Braamcamp e Alburrica estão localizadas na zona ribeirinha do Barreiro (Figura i.1), na ponta do Mexilhoeiro a noroeste da orla marítima, no distrito de Setúbal. Este “lugar” extrapola a aceção banal referente a uma localidade qualquer. O “lugar” é mais que um “território”: sua importância reflete na sua importância patrimonial - construído e paisagístico - com a presença de engenhos moageiros desde o século XV e o edificado agroindustrial; e ecológica devido à sua posição ribeirinha no sistema da orla estuarina do Tejo com grande presença de diversas espécies de fauna e flora aquática e terrestre.

---

<sup>9</sup> Este plano conceitual vem se afirmando desde a década de 1970, período em que se discutia o entendimento do direito à cidade, isto é, o direito de produzir a vida para além da habitação extrapolando para um sentido mais amplo e coletivo de produção da vida.

Figura i.1 - Localização geográfica da área Alburrica/Braamcamp



Fonte: Barbara Bravo, 2021

## Lugar da memória

Os vestígios que são encontrados na zona constituem um valioso património cultural, bem como o património natural, que devem ser protegidos. Materializam as tecnologias e relações com o ambiente nos seus diversos tempos da história. A relação do tempo interfere a noção do espaço à medida que as memórias anteriores fornecem valores a lugares e espaços na atualidade. Neste sentido, o espaço, lugares e paisagem têm um papel fundamental no moldar da memória individual e coletiva e operam no processo da formação identitária.

O conceito de “lugar de memória” é evidenciado por Pierre Nora (1984) em sua obra “Les Lieux de Mémoire”. Na obra, o autor discute as diversas questões relacionadas à memória e identidade - na França - e que contribuíram na elaboração deste conceito. Segundo ele, são lugares de memória desde algo material e concreto ao mais abstrato, simbólico e funcional. Estes aspetos podem coexistir num lugar e originar um espaço de registo. São, portanto, locais - materiais e/ou

imateriais - onde se apreende a memória de uma sociedade para que os indivíduos se identifiquem e possibilitem um sentimento de formação de identidade e pertencimento.

Outros autores exploraram este conceito. Le Goff (1996) argumenta que os lugares de memória perpetuam de um outro tempo e que podem ser transmitidas para a sociedade e esta, por sua vez, necessita desses lugares de memória como um meio de transmissão e resguardado, a fim de evitar sua ruptura (da memória e da história).

Neste processo, o aspecto de sentido de lugar é fundamental e se dá na construção emocional do sentido de lugar e de construção identitária através da defesa da memória para a construção pessoal e espacial do sujeito (Marcelo de Souza, 2015). A sua proteção implica uma tomada de decisão a partir do estabelecimento de critérios para realizar a escolha. Critérios estes que são estabelecidos a partir da mentalidade e do que se entende de património a preservar. Torna-se necessária a proteção, mas também a sensibilização para a preservação ambiental e perpetuação da memória coletiva.

## **A importância do espaço público na democratização e direito à cidade**

O Barreiro está historicamente ligado ao associativismo<sup>10</sup> à formação de cooperativas e à resistência. O contrapoder de resistência exercido por movimentos sociais define um tipo de territorialidade alternativa (por vezes, com atrito com a estatal). Atualmente, há uma organização que exerce resistência a um projeto de construção de um pólo (hotel e equipamentos) na Quinta Braamcamp<sup>11</sup>, a Plataforma *Braamcamp é de Todos*<sup>12</sup>.

O espaço público é fundamental para o exercício da cidadania, para a democratização e direito à e para a qualidade de vida das pessoas. Sua leitura é aqui entendida em duas dimensões: espaço político e espaço físico. Henri Lefebvre, em “O direito à cidade” (2012) defende o direito à cidade

---

<sup>10</sup> A mais antiga colectividade do concelho é a Sociedade Filarmónica Lavradiense, fundada em 1867. Ver em:

<https://www.cm-barreiro.pt/conhecer/patrimonio-historico-cultural-e-equipamentos/patrimonio-edificado/associativismo>

<sup>11</sup>

<https://www.publico.pt/2020/06/04/local/noticia/saint-germain-vai-transformar-quinta-senhorial-novo-polo-barreiro-1919369>

<sup>12</sup> A Plataforma Cidadã *Braamcamp é de Todos* constituiu-se em 2019, numa Assembleia Cidadã, na sequência de diversas ações de pessoas, constituídas ou não em movimentos, e também da vontade de associações representativas de interesses coletivos de natureza social, ambiental e patrimonial. Mais informação em: <https://braamcampers.pt/right-sidebar/>

além da liberdade de acesso aos recursos urbanos, mas a um direito coletivo para dar forma ao processo de urbanização. A *Teoria de Produção do Espaço* argumentada pelo autor, baseia-se em três dimensões ou processos dialeticamente conectados: o espaço percebido, concebido e vivido e estão relacionadas com a “prática espacial”, as “representações do espaço” e os “espaços de representação” (Quadro i.2). Estas noções do espaço influenciam na conceção e produção do espaço.

Quadro i.2 - As três dimensões da Teoria de Produção do Espaço segundo Lefebvre

<b>Espaço percebido</b>	<b>Espaço concebido</b>	<b>Espaço de representação</b>
Intermediação da ordem distante e a ordem próxima referentes aos desdobramentos de práticas espaciais, que notoriamente, abarcam as relações sociais de produção.	Representações do espaço também, referentes às relações de produção, a ordem que estas impõem, a serviço de estratégia hegemónica.	Aborda a dimensão concreta e abstrata, que corporifica o real e o imaginário, formando os espaços de representação, capazes de interpretar a realidade social.

Fonte: Barbara Bravo com base em Henri Lefebvre (1986)

Hannah Arendt (1958) defende que o espaço público é o *locus* do mundo no qual se deve realizar o exercício da cidadania através da participação nas decisões políticas. Mais que um local político, o espaço público, em sua perspectiva, é onde deve haver a possibilidade de produção coletiva, através do consentimento de todos, para que todos tenham acesso à vida. Segundo a autora, este exercício se dá pela ação que garante a pluralidade e a liberdade pública de participação democrática e requer a construção e manutenção do espaço público.

Da mesma forma, Zygmunt Bauman (1999) argumenta que o indivíduo necessita do espaço público para mostrar sua persona pública, o que ocorre fundamentalmente em espaços civis. No entanto, cada vez mais os espaços públicos deixam de conter esta característica. Segundo o autor, a civilidade ocorre estritamente em um ambiente civil, portanto, um espaço público que promove o encontro entre indivíduos desconhecidos e regidos por um conjunto de regras de convivência.

Richard Sennett (2018) ao desenvolver um estudo sobre a evolução do espaço público e a forma como as construções afetam a vida das pessoas, explora a relação do bom aproveitamento do espaço construído e a qualidade de vida das pessoas. Defende a ideia de uma “cidade aberta”,

onde as pessoas aprendem e administram a complexidade do espaço em contraposição a uma cidade “fechada” - segregada, regimental e controlada. Mostra como a estrutura das cidades afeta a experiência diária dos habitantes. Para o urbanista, a receptividade e experiência dos habitantes pode ser estimulada por meio de critérios simples de abertura que sugerem o envolvimento ativo.

O tema da qualidade dos espaços públicos é abordado por diversos autores. Entre eles, Jane Jacobs (1961) associa a incapacidade de vinculação dos indivíduos e grupos com paixão aos espaços públicos (mais especificamente de um parque local) a diversos fatores negativos: (i) a insuficiência da diversidade de usos na vizinha próxima, (ii) a dispersão e dissipação da diversidade e da vida entre diversos parques com características semelhantes.

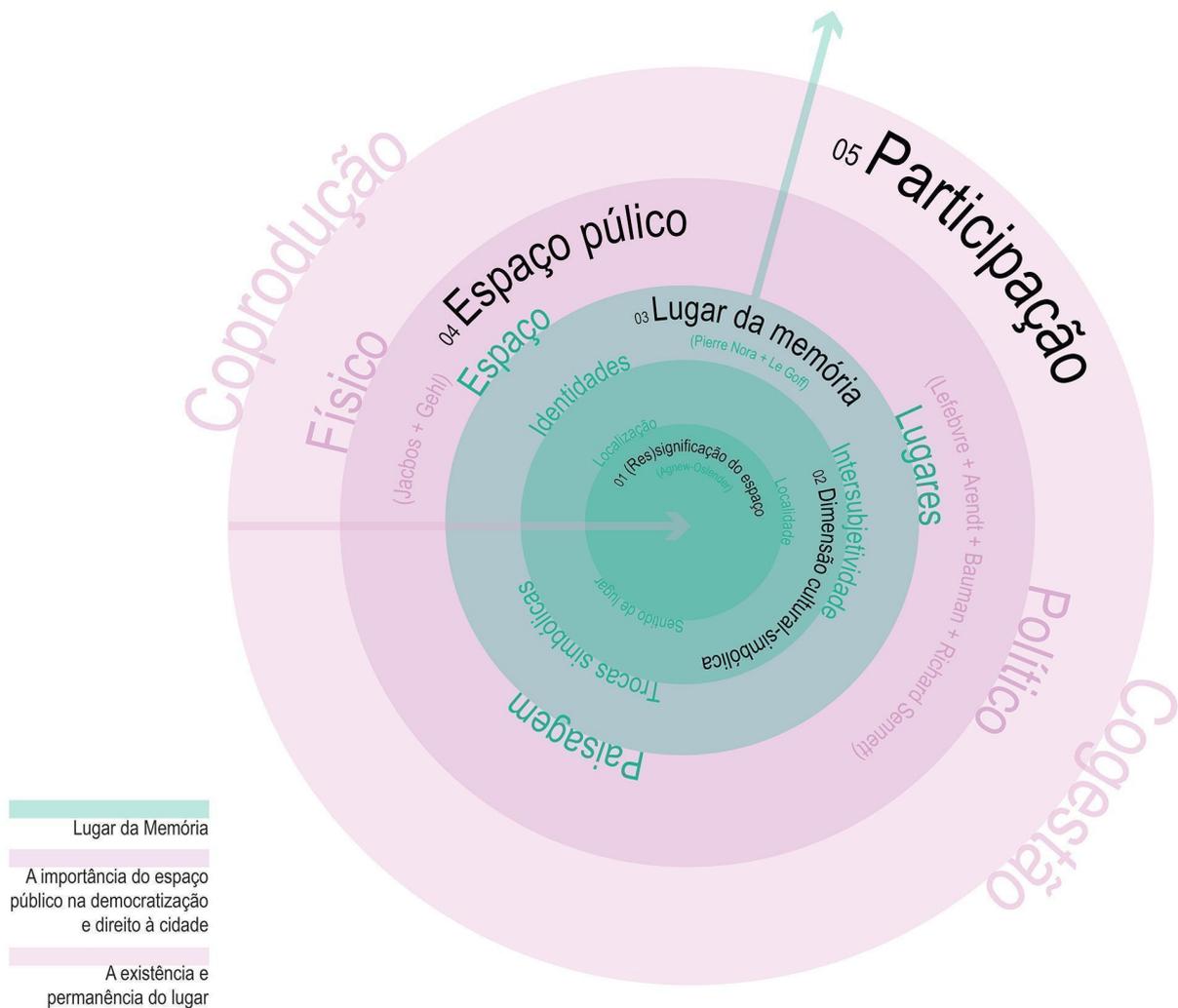
Para a autora, estes espaços públicos que são bem-sucedidos raramente têm concorrência de outras áreas livres e não têm significado se forem desprendidos das influências concretas - boas ou más - dos bairros e dos usos que os afetam. Jan Gehl (1971) defende que para que ocorra interação, é necessário um desenho que encoraje.

Para Marcelo de Souza (2015), é também necessário políticas públicas que se pretendem participativas de forma a representar “uma valorização desses espaços enquanto lugares na medida exata em que não tiverem eles definidos considerando-se meramente critérios “técnicos” objetivos (tais como a distribuição espacial de características como renda ou carência infraestrutural, ou, ainda, tais como recortes da própria natureza(...))” (Marcelo de Souza, 2015: 116-117).

Jan Gehl, em “A vida entre edifícios” aborda estes espaços (públicos) como conector da vida e os elementos de construção. É no espaço em que os moradores movem-se e produzem suas vidas na esfera pública. Atuam como centros de atividades, de interação, descanso e lazer. Nestes espaços, podem haver actividades culturais e preservação histórica. Bem como são concedidos espaços verdes onde pode haver uma estrutura ecológica para a biodiversidade. São essenciais pela capacidade de promover melhores condições de vida e qualidade ambiental.

Neste estudo, parte-se destas ideias e conceitos desenvolvidos pelos autores citados (Figura i.2). Entende-se que os significados de um lugar devem ser apreendidos em seus diversos aspetos: área geográfica condicionada económica e politicamente, seus quadros - formais e informais - e seus modos de apropriação.

Figura i.2 - Diagrama síntese da revisão crítica



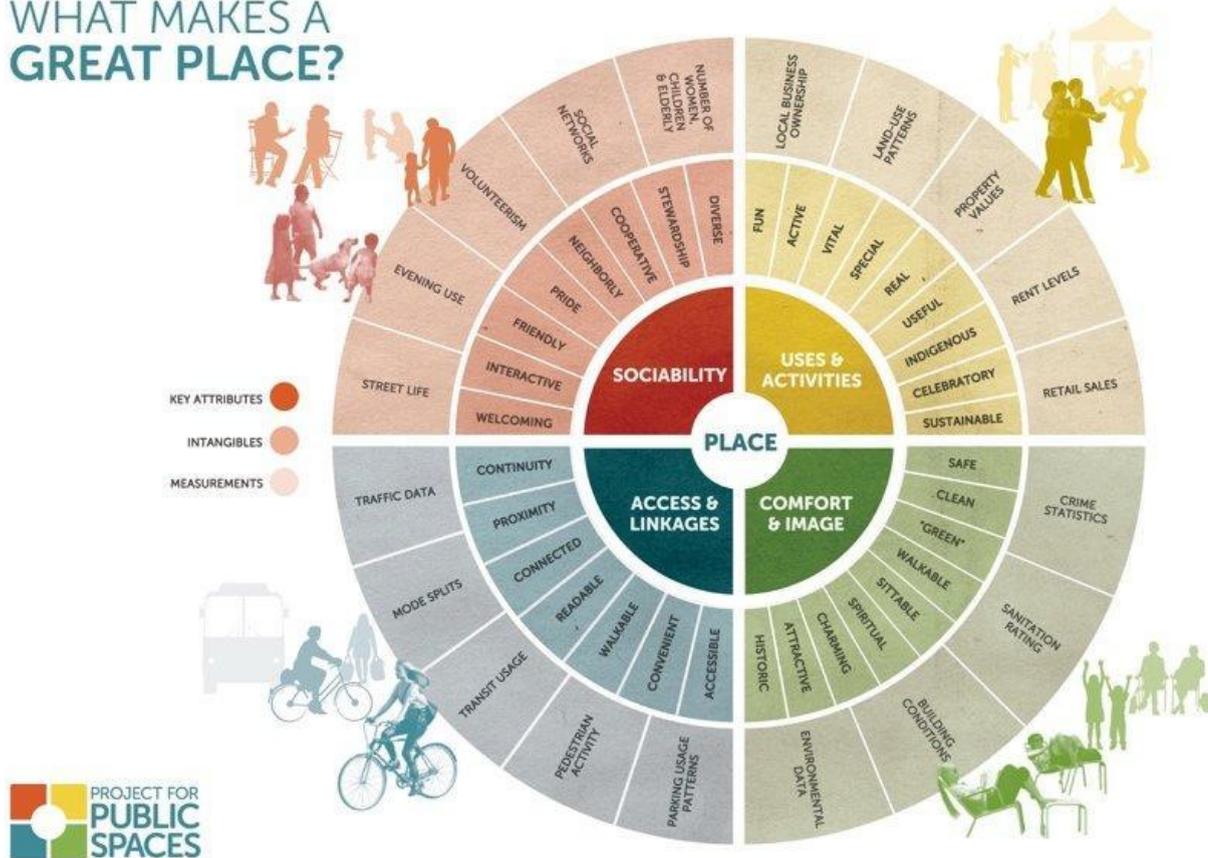
Fonte: Barbara Bravo, 2021

Na abordagem *placemaking*<sup>13</sup>, a criação dos lugares devem inspirar as pessoas a imaginar e reinventar coletivamente os espaços públicos, fortalecendo a interconexão entre as pessoas e a partilha dos espaços de forma colaborativa. Gehl criou uma análise dos espaços públicos baseado nos doze critérios de qualidade. Esta metodologia, todavia, tornou-se obsoleta devido às constantes transformações dos espaços públicos. A ONU Habitat, com a finalidade de criar uma análise mais abrangente, iniciou o “Projeto para Espaços Públicos” em 2000 onde foi elaborado o Diagrama de Fabricação de Lugar para avaliar a qualidade dos espaços públicos (Figura i.3). Com base em quatro atributos chaves: (1) acesso e ligação, (2) conforto e imagem, (3) sociabilidade e (4) uso e atividades.

Figura i.3 - Diagrama síntese da revisão crítica

<sup>13</sup> O termo "placemaking" surgiu em meados da década de 1990, no entanto, a abordagem do “fazer os lugares” ganhou força na década de 1960, quando Jane Jacobs e William H. Whyte introduziram ideias inovadoras sobre projetar cidades para as pessoas.

## WHAT MAKES A GREAT PLACE?



Fonte: PPS ONU Habitat, 2000

## A arquitetura e seus limites

A arquitetura enquanto disciplina é frequentemente colocada em questão. Sobre os seus limites, pode-se citar diversos pensadores que vieram a contestar a forma como a arquitetura era apresentada e imposta à sociedade no período entre 1960 e 1970. Movimentos como os situacionistas, que criticavam o funcionalismo. Um movimento de grande importância no que cerne à desconstrução dos paradigmas construídos e amplamente difundidos no mundo ocidental.

Um movimento que inicialmente tinha a intenção de criticar a arte, posteriormente desenvolveu-se a ideia de que a superação da arte resultaria da transformação ininterrupta do meio urbano. Dentre as diversas pesquisas, sobre arte e urbanismo, resultaram os métodos da psicogeografia<sup>14</sup> e seu procedimento de pesquisa - a deriva. As críticas e reflexões sobre o estado da arte desdobrou-se em diversas perspectivas nas diversas disciplinas.

<sup>14</sup> A psicogeografia é uma exploração de ambientes urbanos que enfatiza o lúdico e a "deriva".

Bernard Tschumi (1980) refletiu na série “Arquitetura e limites”, em conjunto com outros participantes na época, sobre quais as características peculiares ou a essência da arquitetura como disciplina (Nesbit, 2013). Seria, por um lado, a sua função ou seu uso ou, por outro, o processo de construção? Como são determinadas as fronteiras da arquitetura? As escolhas projetuais devem preconizar os aspectos fenomenológico e historicistas ou devem, antes, atender às preocupações no âmbito social?

Os limites delimitam e separam, real ou imaginária, um território de outro, neste caso, uma fronteira entre as disciplinas. Por exemplo, a obra *Spiral Jetty* de Robert Smithson (1970), *The Whitechapel experiment* de Hélio Oiticica (1969), entre muitos outros. Tschumi traz atenção a tais situações que sinalizam o estado da arte, sobre os seus paradoxos e contradições. Na arquitetura, no entanto, é indispensável. Ou seja, não há arquitetura sem desenho ou sem textos.

Em *Arquitetura e Limites*<sup>15</sup>, o arquiteto defende a ideia de ultrapassar a ideia de arquitetura enquanto mero conhecimento da forma. Como um ato de resistência, sua visão reside na crítica dos modos reducionistas do formalismo, funcionalismo e racionalismo na disciplina. A visão reducionista “da arquitetura como forma de conhecimento a uma arquitetura de mero conhecimento da forma” (Nesbitt, 2013: 172) é, segundo o autor, prejudicial ao campo de ação da disciplina.

Abordando o tema do espaço, Tschumi não só o define de várias maneiras - espaço físico, social e mental -, mas também crítica a sua programação em termos de função e não como evento. Sugere, assim, que a arquitetura não seja concebida como um objeto, mas como uma “interação do espaço com os eventos”. Ou seja, considerar a complexa “intertextualidade”, cujo centro das questões do espaço está na experiência do corpo, no seu movimento, superando, assim, o modernismo.

Francesco Careri (2002) argumenta que o movimento do corpo, através do andar, se constitui não só como uma ferramenta de configuração da paisagem, mas como forma de ver e criar paisagens, de intervenção urbana, de arte enquanto prática estética e instrumento de produzir arquitetura e paisagem. Defende o caminhar na construção de uma cidade menos espetacular e mais lúdica e experimental, como um instrumento crítico, manifestando, a partir desta ação, os limites internos da cidade, desvelando-a e identificando-a.

O arquiteto apresenta o caminhar como forma de intervenção urbana. Não seria a conceção do espaço - a paisagem, a experiência e os encontros - uma forma de refletir sobre os próprios limites da arquitetura? A arquitetura que existe dentro de um percurso - a “transurbancia” - como

---

<sup>15</sup> Tschumi organizou em 1980 e 1981, na Revista de arte ArtForum, uma série de três números especiais sobre arquitetura.

construção simbólica do território. Seria esta, segundo o arquiteto, uma forma de inventar novas modalidades de intervenção nos espaços públicos.

O caminhar foi intensamente explorado no dadaísmo, surrealismo e situacionismo. Em Paris ocorreu, em 1921, a primeira experiência artística onde artistas dadaístas foram levados a descobrir a cidade sem a utilização material e a explorar o banal de um lugar previamente escolhido da cidade. Três anos depois, os surrealistas realizaram “um percurso errático num vasto território natural” (Careri, 2002:8). Mas é na cidade situacionista que o perder-se é adotado como um meio estético-político. Apoiaram-se no conceito da psicogeografia para desenvolver estudo sobre efeitos precisos do meio geográfico que atuam no comportamento afetivo das pessoas.

Na arquitetura, os desenhos constróem idéias subjetivas com implicações materiais e objetivas concretas. Mas além da possibilidade de desenhar, o não desenhar também constitui-se como uma possibilidade de fazer arquitetura? Cabe refletir sobre a importância do desenho, da importância do fazê-lo e da escolha de não desenhar (Paupério e Rebelo, 2021). Lacaton & Vassal, na reabilitação da Praça León Aucoc em Bordéus (em 1996), optaram por manter a praça como estava após discussões com os moradores. A decisão da não atribuição de um novo desenho, mas da manutenção do espaço conferiu o desejo da população local e o seu sucesso.

Estas reflexões e experiências pensadas na esfera da arquitetura encorajam refletir sobre o espaço enquanto *um sujeito ativo e pulsante*, isto é, um espaço onde se produz afetos e relações. E é o percurso que enriquece a construção das narrativas, da descoberta e da criação.



# Capítulo 1

## Um olhar sobre o Barreiro e Alburrica

Formado por duas pequenas penínsulas, a área da Alburrica apresenta uma grande importância do ponto de vista ambiental, paisagístico, arquitetónico e social. Dispõe de duas praias, quatro caldeiras de moinhos de maré e três moinhos de vento. É marcada por diferentes momentos de desenvolvimento associados à sua evolução histórica. Há uma longa história dos avanços tecnológicos compreendidos neste território, zona de valor ecológico a preservar devido ao seu valor paisagístico e ambiental e memórias coletivas que foram sendo delineadas ao longo do tempo. Este capítulo não tem como finalidade descrever a evolução histórica no sentido *strictu* - para isso há diversas pesquisas e documentos excepcionais -, mas elencar algumas das principais transformações que devem ser mencionadas a fim de compreender o território estudado e a sua importância.

### 1.1 A Alburrica e a sua relação territorial

O Barreiro está localizado na Área Metropolitana de Lisboa (AML), é limitado pelo concelho do Seixal (a oeste) e pela Moita (a este) e insere-se entre os dois eixos viários de ligação entre as duas margens do rio Tejo, as pontes Vasco da Gama e a 25 de Abril. Seu acesso faz-se, via terra, através de rodovias (extensas devido aos esteiros) e de comboio que faz ligação a concelhos vizinhos como Palmela, Setúbal e Pinhal Novo; e via rio, através da estação fluvial que faz ligação à Lisboa (trajeto de 20 minutos).

O território é dividido pela linha de comboio, onde verifica-se maior densidade urbana nas margens desta linha que desvanecia-se às antigas fábricas da CUF a norte - hoje formando um extenso espaço desativado - e à zona mais rural a sul. Do ponto de vista das acessibilidades urbanas, verifica-se uma barreira entre os concelhos a sul do Tejo gerada pela difícil mobilidade intermunicipal.

O território esteve muito associado à industrialização, em especial, devido à presença da CUF - a qual foi chave para o seu desenvolvimento - e dependeu também economicamente da cortiça e do setor ferroviário: estes três eixos foram fundamentais para o seu desenvolvimento no século

passado. A partir da desindustrialização, reforçou uma posição de cidade dormitório relativamente à Lisboa. Esta posição assumida reflete nas atuais propostas de reestruturação urbana e uma intenção de ligá-la à Lisboa. O edifício acesso ao Barreiro e a necessidade de ligar a cidade à Barreiro, culminou no projeto da Terceira Travessia Tejo (TTT)<sup>16</sup> e a extensão do Metro Transportes do Sul (MTS)<sup>17</sup>.

Também surgem outros projetos de desenvolvimento local e intermunicipal como o Parque Empresarial do Barreiro<sup>18</sup> e o Barreiro Riverside Park<sup>19</sup>, políticas públicas para requalificação do edificado devoluto e aumento da atividade económica, além de um grande esforço para reverter os danos ambientais decorrentes da industrialização.

A área da Alburrica, por sua vez, localiza-se no encontro do rio Tejo e do rio Coina, inserida numa zona de Estuário e zonas húmidas adjacentes, incluindo Ilhéus e Sapais e integrada numa zona de proteção de estuário. Trata-se de um complexo natural em península constituído com caldeiras e lagos que formam praias de pequenas dimensões (Quercus, 2019). A zona do Estuário do Tejo em que está inserida possui uma área de 32.500 hectares, corresponde à “maior em Portugal e uma das mais importantes da costa atlântica da Europa Ocidental” (Dias, 2012 : 115).

A sua relevância ambiental também deve-se ao fato de corresponder a uma zona húmida cuja defesa está firmada pela Convenção de Ramsar<sup>20</sup>. As zonas húmidas proporcionam uma garantia da biodiversidade, filtragem das águas, proteção das linhas de costa e atenuam os efeitos das alterações climáticas. Também constitui um dos dois maiores espaços de espécies vegetais no Barreiro, juntamente com a Mata da Machada mais a sul.

Do ponto de vista ecológico, este território desempenha um papel importante no ecossistema que se estabelece como parte da zona de alimento e nidificação de diversas espécies de aves bem como área protegida propícia à reprodução de diferentes espécies marinhas. O património ambiental e paisagístico está em constante transformação, seja devido às diversas adaptações e

---

<sup>16</sup> Projeto integrado no âmbito das acessibilidades do PROT-AML e do ARS, que propõe uma travessia rodoferroviária de ligação entre as margens norte e sul do Tejo, por meio de Chelas e do Barreiro.

<sup>17</sup> Projeto de extensão do metro pensado em três fases: a primeira, que liga a Cacilhas, Almada, Corroios, Costa da Caparica e outras localidades no concelho de Almada; a segunda deverá fazer a ligação Corroios-Seixal; e a terceira, ligação Seixal-Barreiro.

<sup>18</sup> Proposta da empresa Baía do Tejo para a construção de um Parque Empresarial do Barreiro, com uma área de 234 hectares. Mais informações em: <https://www.lisbonsouthbay.com/pt/barreiro-pt/>

<sup>19</sup> Projeto imobiliário para atração de investidores através da construção de um empreendimento com 518 apartamentos em terreno com uma área total de construção de 69.000 metros quadrados. Mais informações em:

<https://www.idealista.pt/news/financas/investimentos/2020/10/01/44791-vao-nascer-mais-de-500-apartament-os-no-barreiro-riverside-park-num-terreno-com-69>

<sup>20</sup> A Convenção de Ramsar originou no Irão em 1971, o qual diversos países e organizações contrataram: UNESCO, ONU e mais de uma centena de países, entre eles Portugal.

extrações humanas, e mais recentemente, devido às ondas decorrentes dos barcos que fazem a ligação Barreiro-Lisboa..

Em contradição à sua importância, encontra-se atualmente em abandono e em processo de degradação. Em 2008 a antiga fábrica corticeira da Braamcamp passou em insolvência, passando a ser propriedade do Millennium bcp. Entretanto, no mesmo ano e em 2011 ocorreram incêndios, passando ao abandono novamente e, entre 2015 e 2016, o município adquiriu o espaço da quinta e realizou um projeto de reabilitação do Moinho Grande e uma intervenção paisagística a fundos europeus.

Em 2019, entretanto, surgiu uma proposta de venda da antiga Quinta Braamcamp a privados para a construção imobiliária de edifícios. A partir disso, muitas pessoas manifestam-se contra a proposta, seguidos de diversos movimentos e surgimento de organizações, entre as quais a Associação Barreiro Património e a Plataforma Braamcamp, a cooperativa Mula e outras.

Estes movimentos estão a ganhar força e, em paralelo, observa-se o surgimento de outros (com a Alternativa Braamcamp), que reivindicam que o espaço permaneça público e que a população participe na discussão. Foram apresentadas algumas propostas para a área por estes grupos e têm sido desenvolvidas diversas actividades de reconhecimento e de limpeza do território, de participação e apropriação do espaço através de actividades culturais, desporto e lazer.

Estes grupos coletivos apontam para a necessidade de reabilitar os edifícios, renaturalizar os espaços da quinta, de forma a harmonizar o uso daquele espaço com a vida natural de fauna e flora e com o impacto das alterações climáticas. Estudos apontam a subida do nível da água como uma das principais consequências das alterações climáticas.

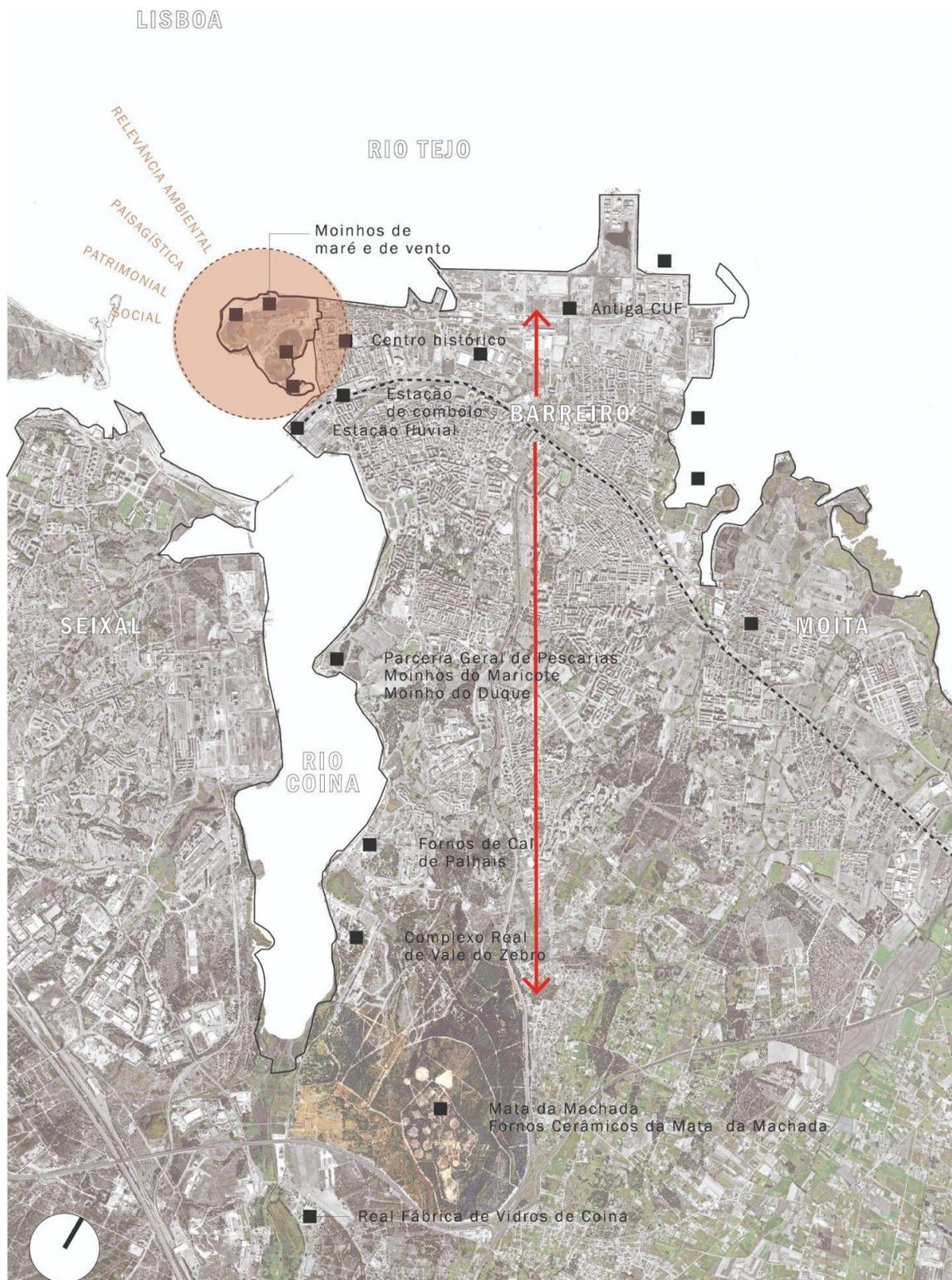
## **1.2 As micro narrativas temporais no Barreiro e Alburrica**

A Alburrica integra um território onde há uma história muito variada a preservar: a salinicultura, a pesca, a construção naval, a secagem de bacalhau, a indústria de seda, corticeira e moageira de grande relevância e que definem muitos traços do desenvolvimento da cidade e seu património narra uma realidade fragmentada em micro narrativas.

O património industrial destaca-se, o qual pode-se identificar edificações com valor histórico e arquitetónico: uma história de séculos contada em um único território. O Barreiro é marcado pela

presença de indústrias de diferentes períodos e com importância nacional. Conta, assim, uma história do desenvolvimento industrial único no país.

Figura 1.1 - As micro narrativas temporais no Barreiro e Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

As atividades relacionadas com o rio e a terra foram os elementos dominantes no desenvolvimento da região. Além do reflexo da riqueza dos recursos existentes, a margem sul do rio Tejo - sobretudo o Barreiro - foi essencial para o desenvolvimento económico do país e essencial para responder às necessidades de consumo de Lisboa.

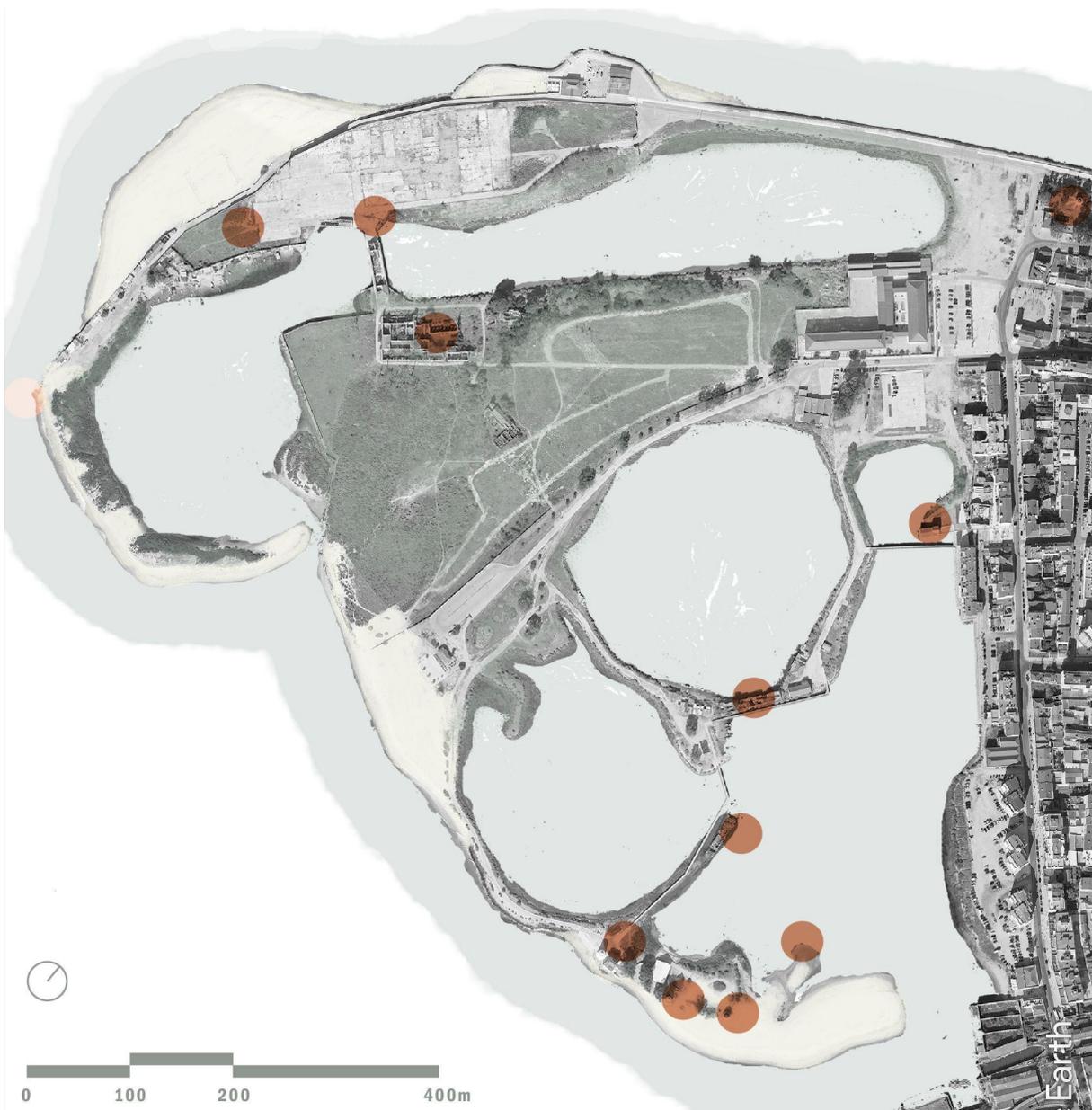
A salinicultura, a pesca, a construção naval, bem como a secagem de bacalhau foram praticadas na extensão ribeirinha da cidade. A presença dos moinhos de maré e de vento - especialmente na Alburrica (Figura 1.2) - é uma evidência da ocupação desde a Idade Média (Espaço Memória Futuro, 2019). Há vestígios dispersos no Barreiro e onze moinhos de maré. Destes, quatro estão localizados na Alburrica, nomeadamente o Moinho do Cabo de Pero Moço, o Moinho Grande<sup>21</sup>, o Moinho Pequeno e o Moinho do Braamcamp.

Os moinhos de vento, por sua vez, foram construídos a partir do final do século XVIII a fim de aproveitar os ventos. Há também onze moinhos deste tipo no território, dos quais cinco estão localizados na Alburrica ou áreas adjacentes, são eles o Moinho Nascente, o Moinho Poente, o Moinho Grande (Figura 1.3), o Moinho do Jim e o documentado Moinho do Barão do Sobral. O Barreiro ocupa uma posição estratégica para o desenvolvimento económico com base nos recursos naturais e para a sua distribuição.

---

<sup>21</sup> O Moinho Grande foi arrasado durante este trabalho, em junho de 2021, de modo que não há ruína. As associações locais demonstraram indignação. Ver mais em: <https://associacaobarreiropratrimonio.pt/2021/06/22/cmb-arrasa-moinho-grande/>

Figura 1.2 - Património Moageiro na Alburrica e adjacências



Fonte: Elaborado pela autora a partir de mapa elaborado pela Associação Barreiro Património Memória e Futuro, 2021

Figura 1.3 - Moinho de Vento Gigante



Fonte: Barbara Bravo, 2021

As cidades situadas na margem sul da Área Metropolitana de Lisboa albergaram os principais portos do Estuário que ligavam o sul do país no século XVI em função do abastecimento a Lisboa e das suas necessidades (Dias, 2012). O Barreiro desempenhou um papel relevante na logística da expansão portuguesa, entre elas, na construção de naus e na confecção de biscoitos para alimentar as tribulações. Além das Oficinas Gerais<sup>22</sup>, inclui-se também o património religioso decorrente na época (Associação Barreiro Património, 2020).

Deste período, cabe referir que a zona da Alburrica abrigou um estaleiro de construção naval de média dimensão próximo aos moinhos e esteve ativo até meados do século XX (Camarão, 2010). Ainda hoje é possível observar algumas evidências desta funcionalidade.

Com a construção do caminho-de-ferro no século XIX o Barreiro mudou radicalmente, no âmbito económico, social e urbano (Camarão, s/a). Aparecem novos setores económicos, designadamente a indústria corticeira passou a substituir as atividades mais tradicionais e a cidade expande-se ao longo do caminho de ferro. A cidade transformou-se num “local privilegiado de escoamento de mercadorias por via marítima para Lisboa” (Motta, 2011 : s/p) e tornou-se um

---

<sup>22</sup> Designação dada pela Associação Barreiro Património Memória e Futuro.

dos principais pólos da indústria corticeira. Na Alburrica, funcionava uma indústria corticeira nas instalações da Quinta do Braamcamp, tendo este fechado em 2009, a última fábrica de cortiça no Barreiro.

A partir do século XX outra transformação ocorre no território quando, em 1907, surgem as indústrias químicas no concelho. A produção química, metalúrgica e têxtil impulsionou fortemente o desenvolvimento económico e acompanhou a transformação social e urbana. Foi construído o bairro operário no Alto de Santa Bárbara, o Bairro Ferroviário e, posteriormente, o Bairro Novo da Companhia União Fabril (CUF). Apesar do desenvolvimento ligado às frentes ribeirinhas durante séculos no Barreiro, as marcas deixadas pela extensa ocupação das unidades fabris da CUF ainda sobressai-se na atualidade.

A cidade do Barreiro assume uma posição de extrema importância para a área Metropolitana de Lisboa e para o país do ponto de vista histórico e patrimonial. Em cerca de 36 quilómetros quadrados de extensão, é possível percorrer uma história secular ligada às diversas atividades ribeirinhas, industriais e muitas outras com relevância nacional e internacional.

Porém o seu património religioso também revela importância. Os equipamentos religiosos construídos no tempo das navegações têm destaque, nomeadamente a Igreja da Nossa Senhora da Graça e a Igreja Matriz e Santa Cruz fundadas no final do século XV, a Capela de Santo André, o Convento da Madre de Deus da Verderena e a Capela da Misericórdia construídas no século XVI (Associação Barreiro Património, 2020).

Na quinta, algumas festividades religiosas perpetuam-se na atualidade e milhares de pessoas manifestam a sua devoção religiosa na tradicional Procissão Solene de Nossa Senhora do Rosário nas ruas do centro da cidade. Desde o século XVIII tem-se documentado que o culto à Nossa Senhora do Rosário atraiu um grande número de peregrinos ao Barreiro (Carmona, 2009). A Alburrica integra parte do percurso da procissão e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (antiga Ermida de São Roque) e o seu largo fazem são locais onde decorrem os festejos populares em honra à Padroeira.

Esta zona apresenta um conjunto patrimonial relevante para a história do Barreiro. Sua ocupação remonta ao epipaleolítico e se transforma ao longo dos anos, sendo ocupado posteriormente com a atividade industrial (Camarão, 2010). A origem da ocupação humana no epipaleolítico tratava-se de populações que viviam e dependiam da relação com o rio.

As atividades desenvolvidas nesta zona variaram ao longo dos anos. António Camarão (2010) elucida que na Idade Média terá sido aproveitada para a instalação de salinas e reconvertidas em

caldeiras para a implantação de quatro moinhos de maré<sup>23</sup> e posteriormente alargada a capacidade moageira para 8 casais de mós. Antes de 1652 tinham sido estabelecidos os Moinhos de Maré Grande e Pequeno.

O primeiro cessou a atividade exclusivamente moageira por volta do ano de 1892, ano que instalou a Fábrica da Serração, de Orey Antunes & C<sup>a</sup>. O Moinho Pequeno laborou até o século XX tendo sido posteriormente convertido em armazém de produtos transportados ao Barreiro através das fragatas. Por sua vez, o Moinho de Maré do Braamcamp foi construído no século XVIII na Quinta Braamcamp e posteriormente instalou-se a Sociedade Nacional de Cortiças, em 1897.

A partir do surgimento dos Moinhos de Vento<sup>24</sup> os Moinhos de Maré foram cessados. São eles: o Moinho do Jim (1827), Moinho de Vento Gigante (1852), Moinho de Vento Nascente (1852) e Moinho de Vento Poente (1852).

Do ponto de vista historicista, estas construções constataam a memória do lugar e das atividades desenvolvidas na zona que tem forte relação com suas características naturais e estratégicas quanto à sua posição geográfica. Além das construções dos moinhos (de maré e de vento) e fábrica, foram construídas a primeira e segunda ponte dos Vapores do Tejo e Sado de atracagem que fazia ligação à Lisboa no Mexilhoeiro. Há vestígios visíveis das estacas da primeira ponte.:

Anterior à construção da Estação Ferroviária e Fluvial, foi construído o terceiro cais de atracagem dos vapores da Comboios de Portugal (CP), a Ponte Fluvial dos Caminhos-de-ferro do Sul, também arrasado. No que cerne às infraestruturas, a zona de Alburrica abrigou um estaleiro de construção naval até meados do século XX.

### 1.3 A poética da paisagem na Alburrica

*Qualidade, luz, cor, profundidade, que estão ali perante nós, só lá estão porque despertam um eco no nosso corpo, porque ele as acolhe (Merleau-Ponty, 1960 : 23).*

Compreender a área da Alburrica/ Braamcamp demanda um entendimento mais amplo que a sua relação territorial e o seu contexto histórico: requer também a compreensão do seu significado e do seu sentido de lugar (ver *Lugar e (res)significação espacial*). Ou seja, entender os modos de apropriação das características e qualidade físico-material através da experiência e imaginação. A

---

<sup>23</sup> A primeira terá sido anterior a 1534.

<sup>24</sup> Foram construídos cinco, no entanto, restam quatro nos tempos atuais cuja propriedade pertence à Câmara Municipal do Barreiro.

própria poética da paisagem na Alburrica imprime-no significados inter relacionados, seja do ponto de vista da paisagem, da memória e da comunidade.

A sua paisagem é marcada pela presença de terra lameira e de areia fina, assim como pela relação da ausência e presença (Figura 1.4). Diferentemente do restante do território do Barreiro, a área que compreende a Alburrica caracteriza-se pela ausência de construção. A densidade urbana dissolve-se nos percursos de entrada à área de estudo. Essa ausência de construção e outros elementos presentes na cidade - tais como o carro, sinais de trânsito, etc - evoca uma sensação de respiro, uma espécie de refúgio da cidade propício para exercícios físicos, desporto, encontros, observação e perambulação.

Figura 1.4 - Fotografia da Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

Os ritmos dos movimentos dos corpos e objetos diferenciam-se. Observa-se o vai e vem dos catamarans (Lisboa - Barreiro), os voos dos pássaros, o movimento dos barcos posicionados nas águas das caldeiras e o vento. Mas também trata-se de uma paisagem que se transforma diariamente com a subida e a descida das marés nas caldeiras (Figura 1.5).

Figura 1.5 - Fotografia da Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

A Alburrica também abarca os lugares poéticos da memória através do património construído, uma memória continuamente construída e nunca resgatada (Figura 1.6). Na arquitetura, o espaço pode ser projetado a partir da produção de lugares - possivelmente poéticos - em que os significados e os sentidos são elaborados. E na paisagem, o espaço pode ser vivido numa simbiose humana e presença de diversas espécies animais (Figura 1.7).

Figura 1.6 - Fotografia da Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

Figura 1.7 - Fotografia da presença de aves na Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

A sua poesia está igualmente contida nos atravessamentos de ordem religiosa e nas suas manifestações culturais e sociais. Um lugar em que a terra, o rio e o mar se encontram (Figura 1.8). Bem como nas trilhas que atraem-nos para a sua descoberta e convidando-nos para a deambulação, o caminhar (Figura 1.9).

Figura 1.8 - Fotografia da Alburrica



*Fonte: Barbara Bravo, 2021*

Figura 1.9 - Fotografia da Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

Espaços como este integrados ao espaço público incentivam a recuperação e a reafirmação do (mundo) público. A importância dos espaços públicos, por sua vez, impulsionam a coexistência, a liberdade e o equilíbrio das cidades. Os interesses neste espaço são de importância pública.

# Capítulo 2

## Ensaio metodológico

Refletir sobre as premissas centrais do LABtur - a regeneração urbana e as tecnopolíticas - toca nas diversidades e possibilidades de pensar o espaço público. A regeneração urbana entendida como processo constituído por um conjunto de intervenções sócio-urbanísticas deve responder a um conjunto de necessidades identificadas no território. As intervenções no Barreiro decorrentes deste laboratório têm como objetivo central a sua regeneração e transformação. Das vivências, do ambiente físico e da atividade económica.

Pensar e projetar nas cidades requer atenção a esta complexidade. É um compromisso social, cultural e económico, entre estruturas e os agentes locais de forma a integrar novas dinâmicas concertadas entre os atores, numa visão *bottom-up* sobre as decisões no território. A constituição da esfera pública - e também dos espaços públicos - explicita-se como um ponto de encontro de diferentes perspectivas, experiências e culturas, no qual os dissensos e conflitos urbanos não são apenas inevitáveis, como legítimos e necessários para a sua constituição.

Para alcançar a coesão social, é necessário a forte participação das organizações representativas das comunidades locais. Pedro Pasturenzi (2000), no sentido de refletir sobre a democracia em tempos atuais, defende que as tecnologias da informação e da comunicação redesenham os lugares da política. As tecnopolíticas, neste sentido, tem grande importância para o maior alcance das representativas locais. As tecnologias podem ampliar o alcance das informações, os instrumentos de diálogo, de pressão e de participação, portanto, tem a possibilidade de potenciar cidades mais democráticas.

Neste capítulo serão abordados os processos participativos como premissa norteadora metodologicamente ensaiada neste trabalho. Portanto, será elucidada a metodologia de envolvimento da população e agentes locais durante todo o processo de trabalho, as ferramentas para a coprodução e cogovernança urbana, bem como casos de estudo.

## 2.1 Meios de compreensão do território

*Para especificarmos bem o que possa ser uma fenomenologia da imagem, para frisarmos que a imagem existe antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia - é - antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. Deveríamos então acumular documentos sobre a consciência sonhadora (Bachelard, 1957 : 185)*

Diversas questões pertinentes foram evocadas nas várias perspectivas (urbana, patrimonial, ambiental, social e económica). A sua relevância ambiental, paisagística, histórica, patrimonial e social suscitou numa primeira fase o levantamento sistemático das informações disponíveis nestas esferas. Mas a poética da sua paisagem, evoca a necessidade de uma leitura do espaço e dos eventos decorrentes.

Desde o início do desenvolvimento do projeto foi evidenciada a necessidade de recorrer às diversas ferramentas não apenas tradicionais à arquitetura enquanto disciplina - plantas, seções e diagramas - mas também de explorar outras. Tanto do ponto de vista da leitura do território enquanto área geográfica e suas relações (localização), dos quadros formais e informais produzidos (local), como também dos modos de apropriação das características e qualidade físico-materiais da área selecionada (sentido de lugar).

Deste modo, recorreremos inicialmente à produção de um vídeo<sup>25</sup> e de uma paleta de cores (Figura 2.1) de forma a transmitir a informação que não pode ser suficientemente traduzida: sua paisagem, a relação com a malha urbana envolvente, a presença da água - rio e caldeiras - da flora e da fauna, da luz, dos sons, etc.

---

<sup>25</sup> Acesso em <https://vimeo.com/515814444>

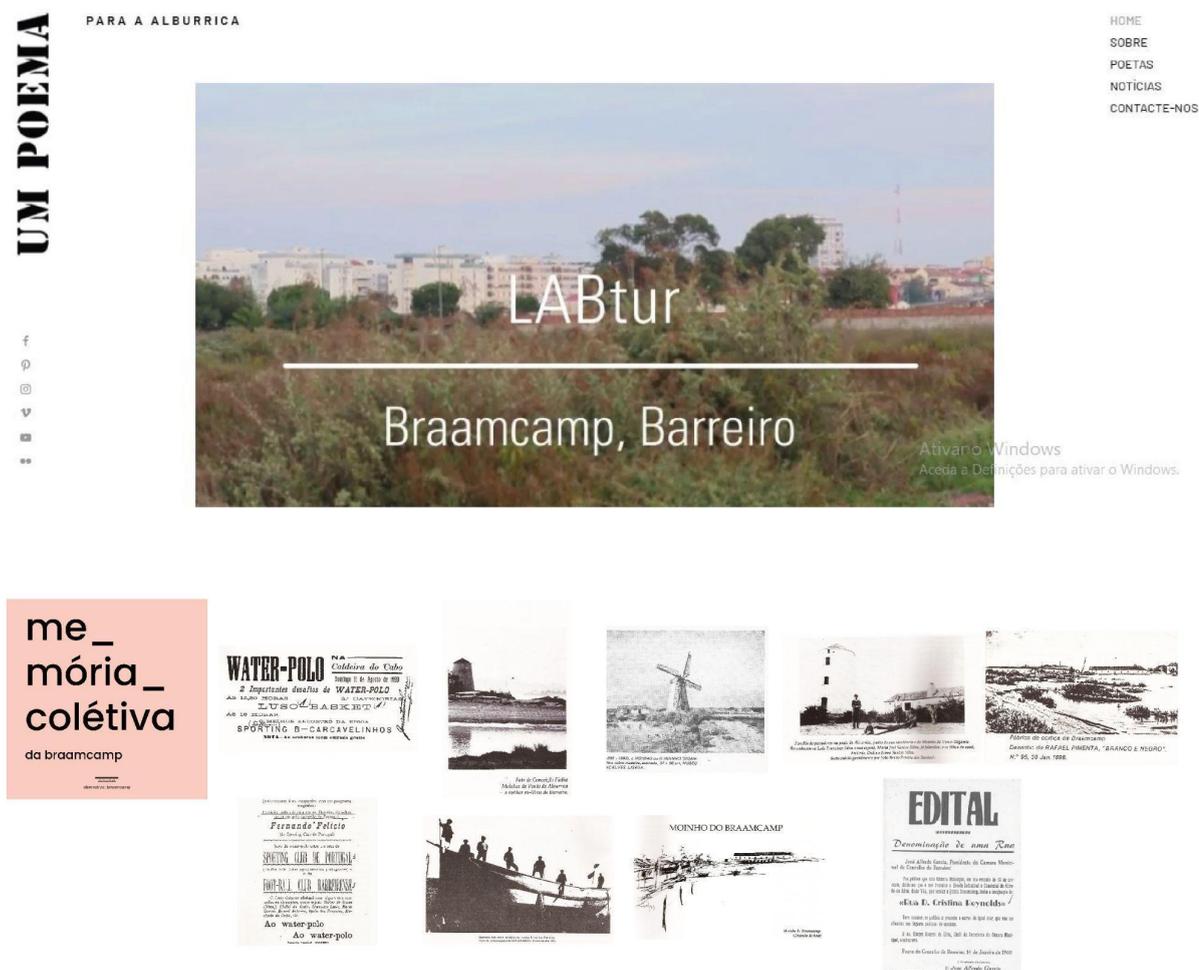
Figura 2.1 - Paleta de cores da Alburrica



Fonte: Barbara Bravo e Duarte Reis, 2021

Entendendo a relevância da área de estudo, foi desenvolvido um ensaio metodológico na sensibilização sobre o território de forma aberta a pessoas interessadas em construir de forma coletiva. Foi elaborado o site *Um Poema para a Alburrica*<sup>26</sup>: um espaço aberto onde se expõe memórias sobre o território para a construção da memória coletiva e narrativas afetivas sobre o espaço (Figura 2.2). Foram recebidos diversos materiais que estão expostos - desenho, registos fotográficos, colagem, postal, anúncios antigos, poema e um conto.

Figura 2.2 - Site Um Poema para a Alburrica



Fonte: Barbara Bravo e Duarte Reis, 2021

Ainda em busca da sensibilização sobre o território e da aproximação dos atores coletivos e individuais locais, foi ensaiada uma metodologia participada para a construção de três portas na

<sup>26</sup> Acesso em <https://poemalburrica.wixsite.com/umpoema>

Alburrica em conjunto com o coletivo MOLA<sup>27</sup> para o desenho das memórias e das expectativas e desejos para o local. As três portas foram construídas pelos membros da associação e colocadas em diferentes locais da Alburrica, de forma a enquadrar três paisagens diferentes (Figuras 2.3, 2.4 e 2.5): uma em um dos acessos, outra próxima às ruínas da antiga Quinta da Braamcamp e uma terceira entre as ruínas e a caldeira a norte da Alburrica.

Foi fixado um material translúcido no interior da porta, de forma que os artistas da MOLA e os transeuntes pudessem desenhar as suas memórias sobre a paisagem enquadrada, bem como as suas ideias, desejos e aspirações.

---

<sup>27</sup> A MOLA é uma associação de criação de ideias e iniciativas recém surgida (2020) no Barreiro. Mas informações em <https://projetomola.com/>

Figura 2.3 - Instalação das portas



Fonte: Associação MOLA, Barbara Bravo e Duarte Reis, 2021

Figura 2.4 - Instalação das portas



Fonte: Associação MOLA, Barbara Bravo e Duarte Reis, 2021

Figura 2.5 - Instalação das portas



*Fonte: Associação MOLA, Barbara Bravo e Duarte Reis, 2021*

## 2.2 A criação de narrativas espaciais

As micro narrativas temporais combinadas à poética da paisagem da Alburrica exprimem-se num convite para a deambulação e para o caminhar naquela zona (Figura 2.6). Este movimento desvela, identifica e cria paisagens. Careri (2002), conforme referido (ver *A arquitetura e seus limites*), argumenta esta ação enquanto instrumento de intervenção urbana, da arquitetura e da paisagem.

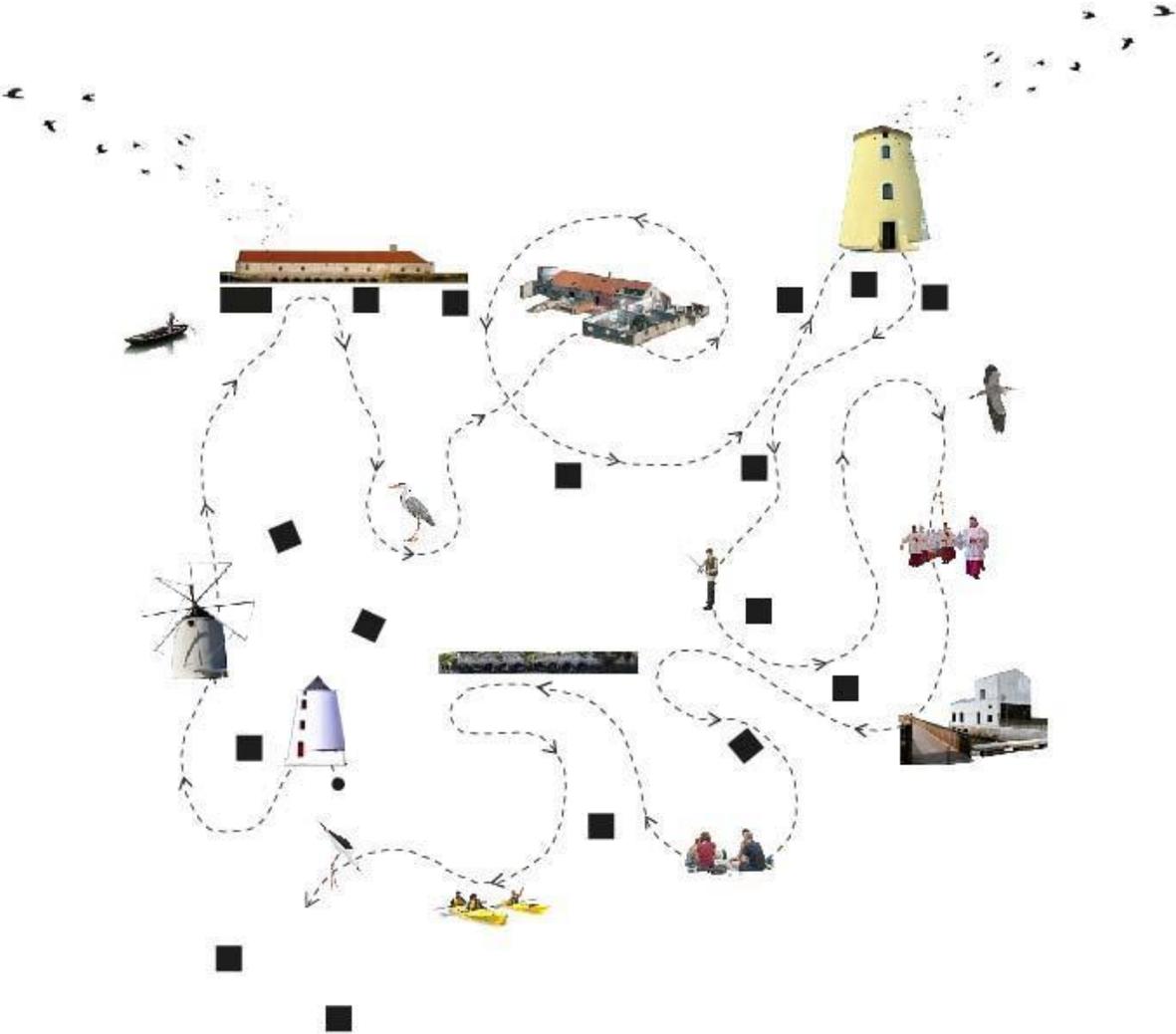
Com base nestas explorações e na conceção da *transurbância* exprimida por Careri em que a arquitetura existe dentro de um percurso como construção simbólica do território, foi experimentado um método de elaboração de percursos. Cabe referir que os percursos no Barreiro não são algo novo. Ao contrário, foi concebido tanto pela Câmara Municipal do Barreiro quanto por associações e grupos, tais quais a Associação Barreiro Património e grupos interessados na observação das aves.

No entanto, o método tem como finalidade criar percursos que englobam as subjetividades sociais e experiências sensoriais e não apenas ligar objetos em si, uma sugestão de fragmentos interconectados. O perder-se não se traduziria na dimensão física dos percursos, mas na poética. Deste modo, foram elaborados cinco percursos (Figura 2.7), nomeadamente o (1)Percurso das Aves, (2)De encontro ao rio, (3)Via Sacra, (4)Percurso da memória e (5)Percurso das artes. Estes percursos foram elaborados em duas escalas - a nível da área da Alburrica e a nível da cidade -, discutidos e construídos em conjunto com diferentes associações locais através de encontros<sup>28</sup>. O percurso da memória foi testado em colaboração com a Associação Barreiro Património.

---

<sup>28</sup> Os encontros foram realizados de forma virtual devido à pandemia em março de 2021.

Figura 2.6 - Deambular pela Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

Figura 2.7 - Os cinco percursos na Alburrica e no Barreiro



Fonte: Barbara Bravo e Duarte Reis, 2021

Na tentativa de ensaiar a apreensão do espaço percebido foi adotado o método de desenho dos percursos dos indivíduos na Alburrica. Ao encontrar algumas pessoas, foi pedido que desenhassem o percurso que haviam feito naquele dia na zona e um percurso que gostariam de percorrer e explorar em dois mapas (Figura 2.8). Um primeiro mapa na escala da Alburrica e outro na cidade: o que costumam percorrer ou o que mais conheciam.

Quando perguntamos sobre o motivo da ida à Alburrica/Braamcamp, as respostas estavam diretamente ligadas ao refúgio ou ao respiro na cidade, pelo exercício físico ou simplesmente por ser um espaço perfeito para derivar e deambular na cidade. Em todas as respostas estava presente a descrição das experiências que se prolongavam para o campo sensorial e para a experiência afetiva.

É por meio da deriva que a cidade é entendida, experimentada, imaginada e construída. Através dos novos comportamentos na cidade, através da produção de situações. A caminhada é utilizada como ferramenta em diferentes casos, como o caso do Jane's Walk (a nível internacional) e o Journey to the in Between - Caos e Ordem (em Portugal).

A *Journey to the in-Between* é uma caminhada especulativa e conversas abertas fruto de um projeto realizado em três momentos e locais pelo atelier Artéria. Realizaram-se jornadas onde se refletia algumas temáticas da cidade através do caminhar e das percepções nas mesmas. Uma sobre a relação do centro e periferia<sup>29</sup>, a segunda sobre o público e privado<sup>30</sup> e a terceira sobre o caos e ordem<sup>31</sup>. Todas tinham uma duração aproximada de três horas de caminhada.

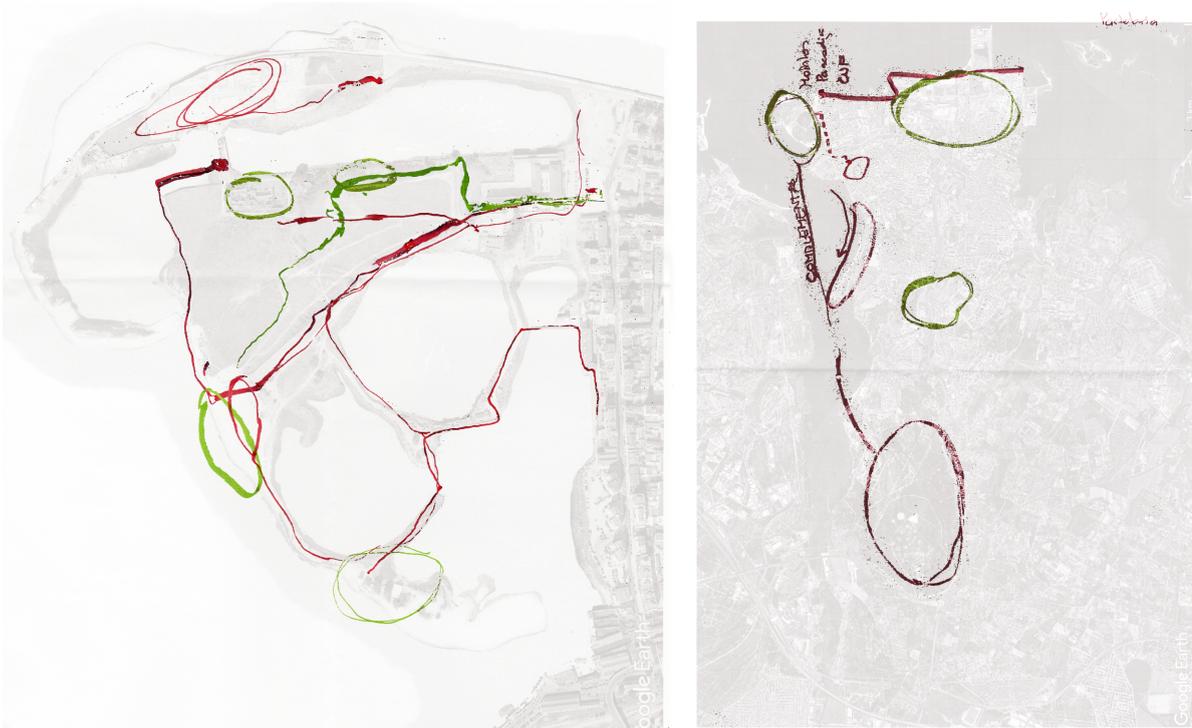
---

<sup>29</sup> Realizada nos dias 18 e 19 de julho de 2020 e guiado por Flora Paim e Jessica Lundin, acompanhada de conversa com Susana Mourão e Sara Anjo com moderação da Ana Jara.

<sup>30</sup> Realizada nos dias 17 e 18 de outubro de 2020, acompanhada de conversa com Gustavo Ciríaco e Paulo Tormenta Pinto com moderação da Ana Jara.

<sup>31</sup> Realizada no dia 12 de dezembro de 2020, acompanhada de conversa entre o músico Fernando Ramalho, o geógrafo Luís Mendes, a coreógrafa Sofia Neuparth, e as arquitetas Ana Jara e Flora Paim.

Figura 2.8 - Desenho dos percursos pelas pessoas na Alburrica/ Braamcamp



Fonte: Barbara Bravo e Duarte Reis, 2021

As iniciativas na área histórica - paisagística - ambiental da Alburrica não podem ser avulsas, têm de se integrar num plano global estratégico. Da mesma forma que a participação cívica das associações e de cidadãos interessados só enriquecem as realizações e a vida democrática.



# Capítulo 3

## Projeto de arquitetura

A zona da antiga Quinta da Braamcamp e da Alburrica tem grande valor patrimonial ambiental, construído e imaterial. Devido ao estado de degradação e abandono, defende-se a sua preservação e (re)construção a partir da participação ativa da população naquele território. Procura-se que o Barreiro seja um município equilibrado com a integração de um programa diverso e complementar no concelho.

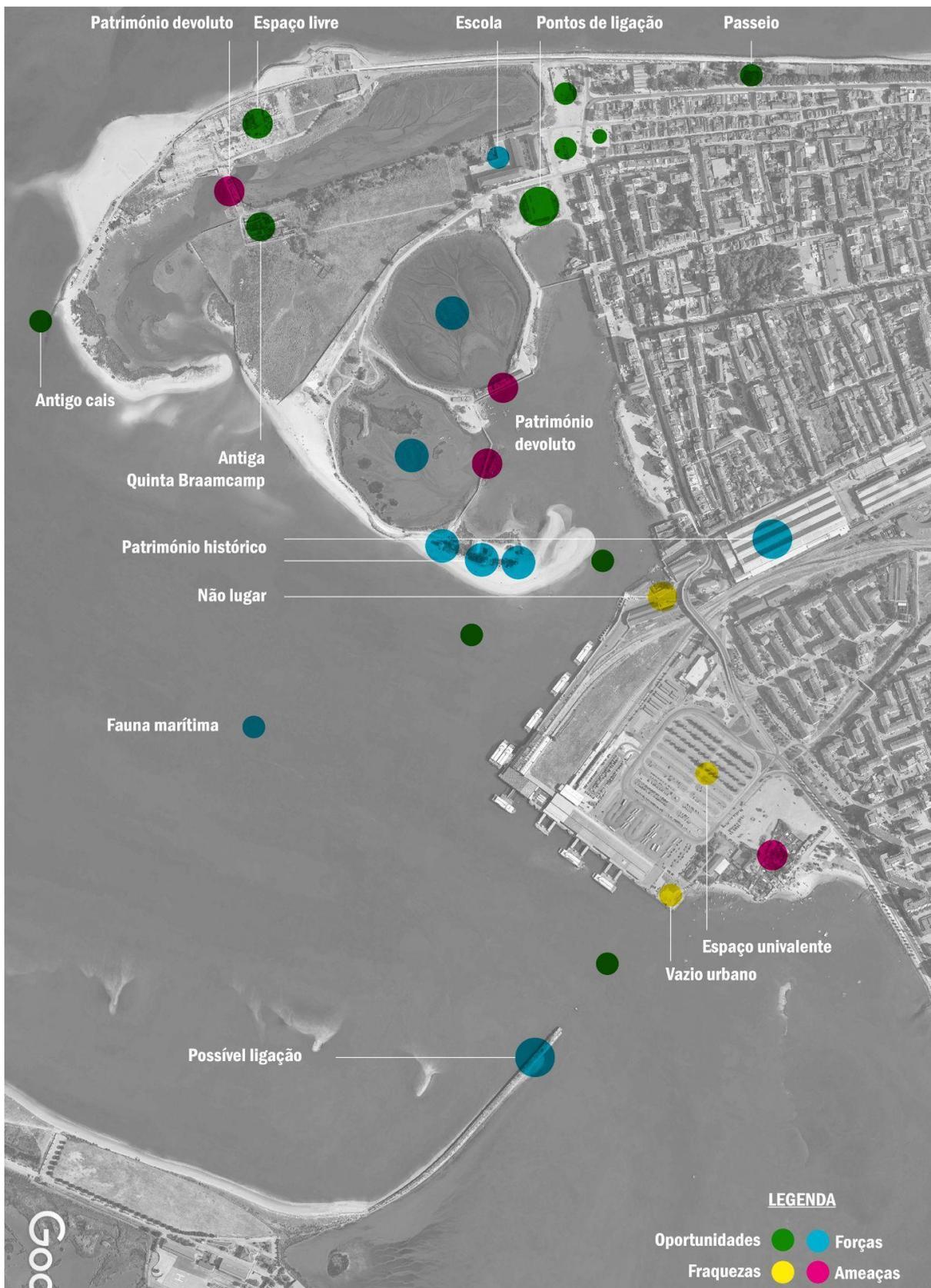
Após a fase inicial de investigação e diálogo com as associações locais, buscou-se a elaboração de um projeto para a criação de um espaço de encontro, cujos caminhos provocam revelar a península da Alburrica (re)ligada às significativas relações com a natureza, memórias e comunidade. Percursos esses que favorecem a construção das narrativas através do movimento, do caminhar.

No intuito de analisar o território, primeiramente foram identificadas as fraquezas, ameaças, oportunidades e forças na área de estudo (Figura 3.1). A presença de vazios urbanos, espaço de uso único, o “não lugar” e o vazio expectante - resumidamente os espaços não civis segundo Bauman (ver *A importância do espaço público na democratização e direito à cidade*) - foram as fraquezas reconhecidas no local. Outro desafio encontrado foram as ameaças, nomeadamente a presença de construções precárias e existência de edificado histórico devoluto e em longo processo de degradação.

Em contrapartida, a área está estrategicamente posicionada próxima da Estação Fluvial e de Comboios do Barreiro, o que a enquadra numa posição de porta de entrada e ponto de articulação entre a cidade e o espaço livre da Alburrica. Também foram identificados como oportunidade a presença da antiga Quinta Braamcamp, o antigo cais e outras construções de forte valor patrimonial, bem como fazer parte de uma área propícia ao relaxamento, ao lazer, ao passeio e à prática de desportos náuticos.

A fauna e a flora, o património ambiental e histórico são as maiores forças identificadas. Da mesma forma a possível ligação com Seixal e com Lisboa através Terceira Travessia, são outras forças que eventualmente podem acontecer.

Figura 3.1 - Identificação das fraquezas, ameaças, oportunidades e forças



Fonte: Barbara Bravo e Duarte Reis, 2020

Face aos desafios abordados, foram desenvolvidos dois tópicos iniciais para a qualificação da Alburrica de forma a interrelacionar as dimensões social, cultural, económica, ambiental e

urbana. Foram eles a integração e priorização das diretivas da Agenda 2030 e a elaboração de um manifesto.

De forma a orientar as prioridades em matéria de desenvolvimento urbano sustentável para uma abordagem de planeamento integrado na área da Alburrica, foram priorizadas quatro diretivas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) estabelecidas na Agenda 2030: (1)Proteger a vida terrestre, (2)Proteger a vida marinha, (3)Cidades e comunidades sustentáveis e (4)Trabalho e crescimento económico.

A proteção da vida terrestre e a vida marinha são essenciais na Alburrica visto a sua importância ambiental. Deve-se assegurar a conservação, recuperação e uso sustentável de ecossistemas terrestres, em especial, por tratar-se de uma zona húmida e integrante de um sistema mais amplo do Estuário do Tejo. Do ponto de vista marinho, é prioritário prevenir e reduzir significativamente a poluição marinha, especialmente a que advém de atividades terrestres, bem como proteger os ecossistemas marinhos e costeiros.

Relativamente ao objetivo *Cidade e comunidades sustentáveis*, propõe-se o acesso universal ao espaço público da Alburrica de forma segura, inclusiva e acessível, bem como fortalecer esforços para proteger e salvaguardar o património cultural e natural. De forma a reduzir o risco de desastres climáticos, pretende-se da mesma maneira implementar recursos para a mitigação e adaptação às mudanças climáticas.

Considerando a economia local, em detrimento do lugar de consumo, privilegia-se o consumo de lugar. Ou seja, é preciso favorecer o sentido e o valor de uso da Alburrica ao invés de criar um espaço mercantilizado. Tem-se como objetivo potencializar a economia existente baseada na produção e consumo sustentáveis e não criar novas formas de exploração do território. Dissocia, assim, o crescimento económico da degradação ambiental.

Mediante às atuais condições da península - nomeadamente o abandono, a degradação e aos interesses incompatíveis com o interesse público - foi desenvolvido um manifesto onde se expõe cinco diretrizes principais. Primeiro, articular a península da Alburrica com o Barreiro restante através da conexão física da malha urbana do Barreiro Velho, da via sacra (Igreja de Nossa Senhora do Rosário à Alburrica) e do edificado público existente.

Segundo, articular a península com o Arco Ribeirinho Sul de forma a integrá-la ao sistema peninsular. Terceiro, incentivar um crescimento sustentável que crie valor e trabalho para os locais, potencial chave na inversão da vida pendular Barreiro-Lisboa através da viabilização de postos de trabalho. Criar um consumo de lugar que alimente e proteja um determinado lugar de consumo.

Quarto, reforçar a identidade e a memória local do ponto de vista histórico, natural, patrimonial e religioso através da criação de espaço para atividades que preservem a memória local e articulação entre as entidades locais para a construção e gestão do espaço. E quinto, criar no local espaços de permanência através do uso de forma a complementar o seu uso e diversidade de usos no espaço público no Barreiro.

### **3.1 Projeto global**

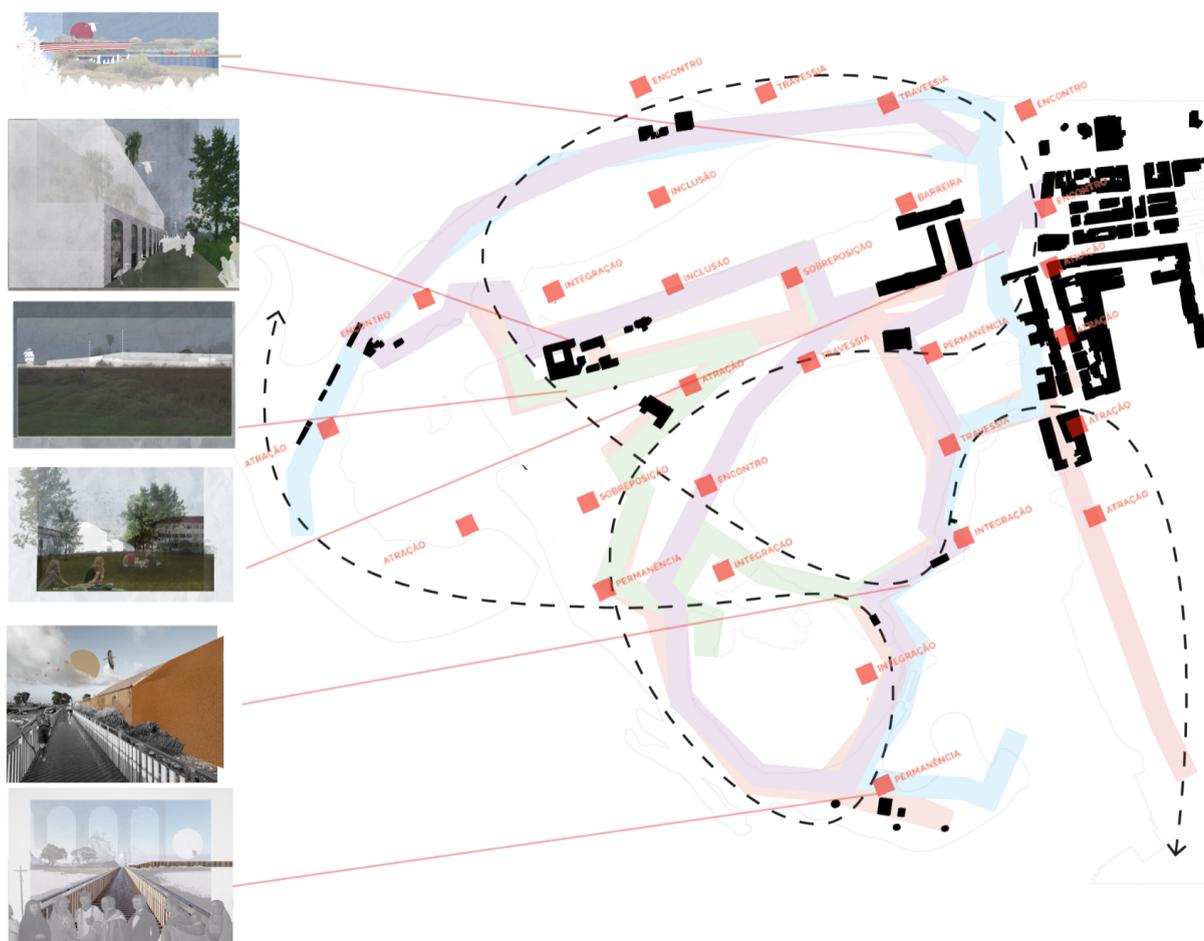
Os objetivos expostos no manifesto orientaram as intenções projetuais nas suas diversas escalas. O objetivo é equacionar a regeneração urbana através da religação da áreas às significativas relações com a natureza, paisagem, memória e comunidade. No intuito de articular a península ao Barreiro, potencializar a biodiversidade e identidade local, propõe-se a extensão de espaço público existente e a criação de um observatório para a Alburrica no seu conceito amplo. Isto é, um espaço vocacionado para o ato ou efeito de observar (a natureza, a paisagem, o património histórico, o outro, o encontro, etc).

O projeto desenvolve-se em três camadas: os percursos, os módulos e os espaços públicos (Figura 3.2). Relativamente aos percursos, foram criados cinco (Caminho das aves, Poéticas da memória, Via Sacra, De encontro ao rio e Percursos das artes) que seguem uma lógica de contato com os principais elementos dos respetivos temas. Estes caminhos convidam os transeuntes a passear pela península, dirigindo-os através de caminhos traçados com diferentes materialidades e que, por ora, encontram-se em pontos comuns.

Pretende-se, através do exercício da transurbância, utilizar o caminhar como método de produzir arquitetura e paisagem cuja natureza da área é preenchida de significados pré-existentes - a nível ambiental, histórico, social - consolidando um espaço público: um lugar comum a ser apropriado pelos locais e complementando as atividades locais.

A camada relativa aos módulos cria uma ordem espacial a partir da criação de espaços fechados ou semi-fechados que reforçam o caminhar e possibilitam a ocorrência de diferentes funções no seu interior. Os módulos seguem uma geometria e estão combinados segundo uma intenção programática, originando variações para diferentes fins. Reconhecendo as modalidades de intervenção no espaço público, a camada das superfícies, por sua vez, dá-se através da consolidação dos espaços públicos e da articulação das duas camadas anteriormente citadas, ligando os espaços intermédios e de encontros.

Figura 3.2 - Identificação das camadas na Alburrica



Fonte: Barbara Bravo e Duarte Reis, 2020

No intuito de desenvolver o projeto numa escala mais aproximada, foram seleccionadas duas áreas da Alburrica: uma nas ruínas da antiga Quinta Braamcamp e outra na área de acesso à Alburrica. Esta última foi elaborada no presente estudo e está exposta a seguir.

### 3.2 Enquadramento do local do projeto

O acesso à Alburrica/Braamcamp dá-se principalmente por três ruas principais (Figura 3.3), designadamente pela Rua Miguel Pais, Rua Clube Naval Barreirense e a Rua Bento de Jesus Caraça. A primeira rua é uma das principais vias que liga a estação fluvial e de comboio à norte e divide a malha urbana da cidade antiga à Alburrica. Situa-se de forma paralela ao rio, havendo diversos espaços públicos que fazem ligação à frente ribeirinha. É predominantemente residencial

e comercial a nível do chão. Próximo à Alburrica, estão localizados a Igreja de Nossa Senhora do Rosário (2), o Agrupamento de Escolas Alfredo da Silva (3) e, a sul, o moinho pequeno (4).

A Rua Clube Naval Barreirense, a norte, é uma extensão do Passeio Augusto de Cabrita, um passeio arborizado de aproximadamente 850m de extensão da avenida da Praia e onde estão situados diversos equipamentos de desporto e lazer. Faz acesso ao Clube Naval Barreirense, um espaço relativo ao time esportivo, onde se pratica remo. Próximo à Alburrica, estão localizados o Moinho do Jim (1), parque infantil, piscina municipal, além de bares e restaurantes.

Por fim, a Rua Bento de Jesus Caraça é a extensão da Rua Almirante Reis e inicia-se a partir da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (2). Esta via dá acesso direto à área de cobertura arbóreo alóctone - onde estão concentradas as garças -, à zona de sapal e às ruínas da antiga Quinta Braamcamp e faz parte do trajeto da Procissão em devoção à Nossa Senhora do Rosário. Próximo à Alburrica, estão localizados a Igreja Nossa Senhora do Rosário (2), o Agrupamento de Escolas Alfredo da Silva (3), o Moto Clube do Barreiro e a Associação Cultural-Desportiva Gasoline (4).

O espaço público compreendido nesta área de acesso à Alburrica, apesar de ter sido alvo de uma requalificação dos acessos através de um conjunto de percursos pedonais e passadiços, compreende espaços vazios de baixa qualificação urbana e paisagística. Estes espaços foram transformados em parques de estacionamento e mal percebe-se a comunicação à Alburrica. Trata-se de uma zona em que é preciso consolidação, restauração e reconstrução dos espaços públicos, tanto do ponto de vista de qualificar o espaço público e melhorar a comunicação, quanto uma oportunidade para estender a mancha verde da cidade à Alburrica.

Figura 3.3 - Área de acesso à Alburrica



Fonte:

Barbara Bravo, 2021

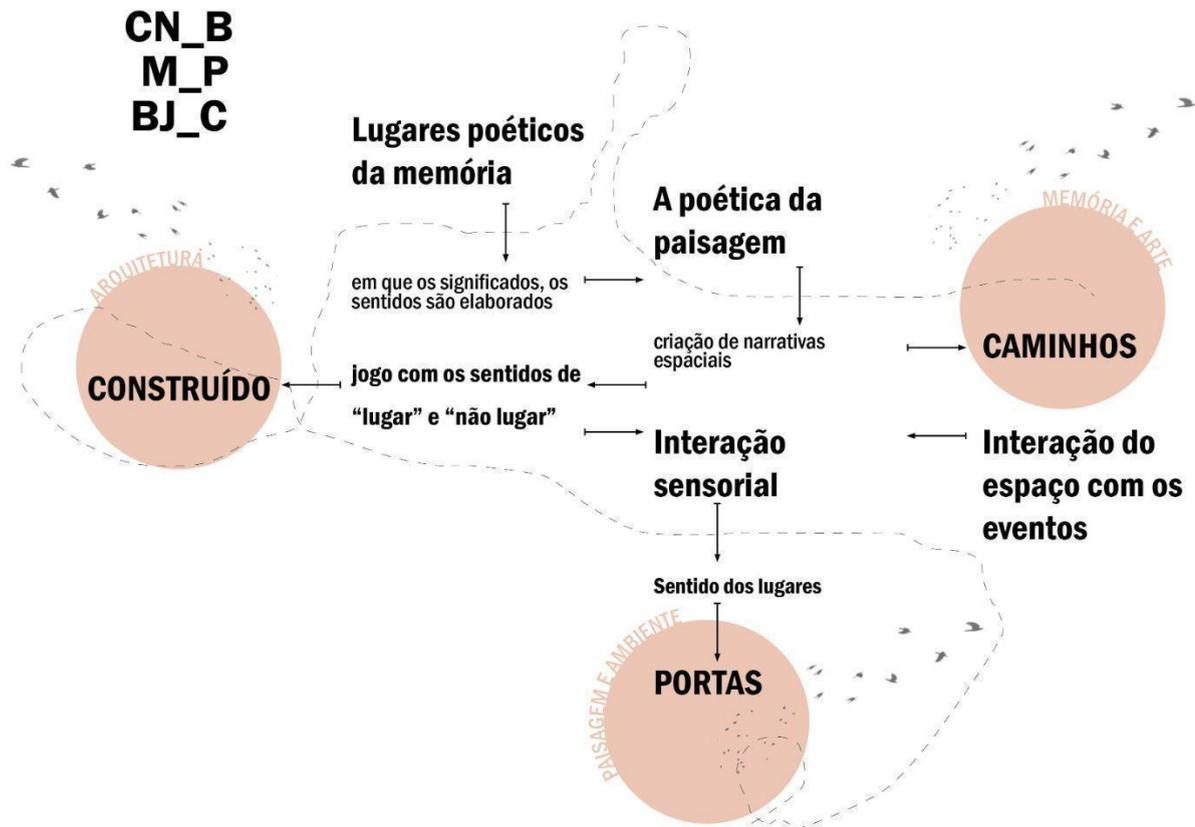
### 3.3 Projeto

No intuito de conservar e preservar o património construído, a paisagem e o ambiente, bem como tornar a área da Alburrica acessível, visitável e compreensível, foram propostas quatro modalidades de intervenção nos espaços públicos. São elas:

- a) OBSERVAR, através da construção de uma cidade menos espetacular e mais lúdica e experimental, manifestando os limites da Alburrica, desvelando-a e identificando-a.
- b) CAMINHAR como uma forma de ver e criar paisagens, de intervenção urbana, de arte enquanto prática estética e instrumento de produzir arquitetura e paisagem.
- c) IMAGINAR E CRIAR, através da introdução de estruturas em módulos, cujo centro das questões do espaço está na experiência do corpo, no seu movimento.
- d) INTERAGIR no espaço através de eventos.

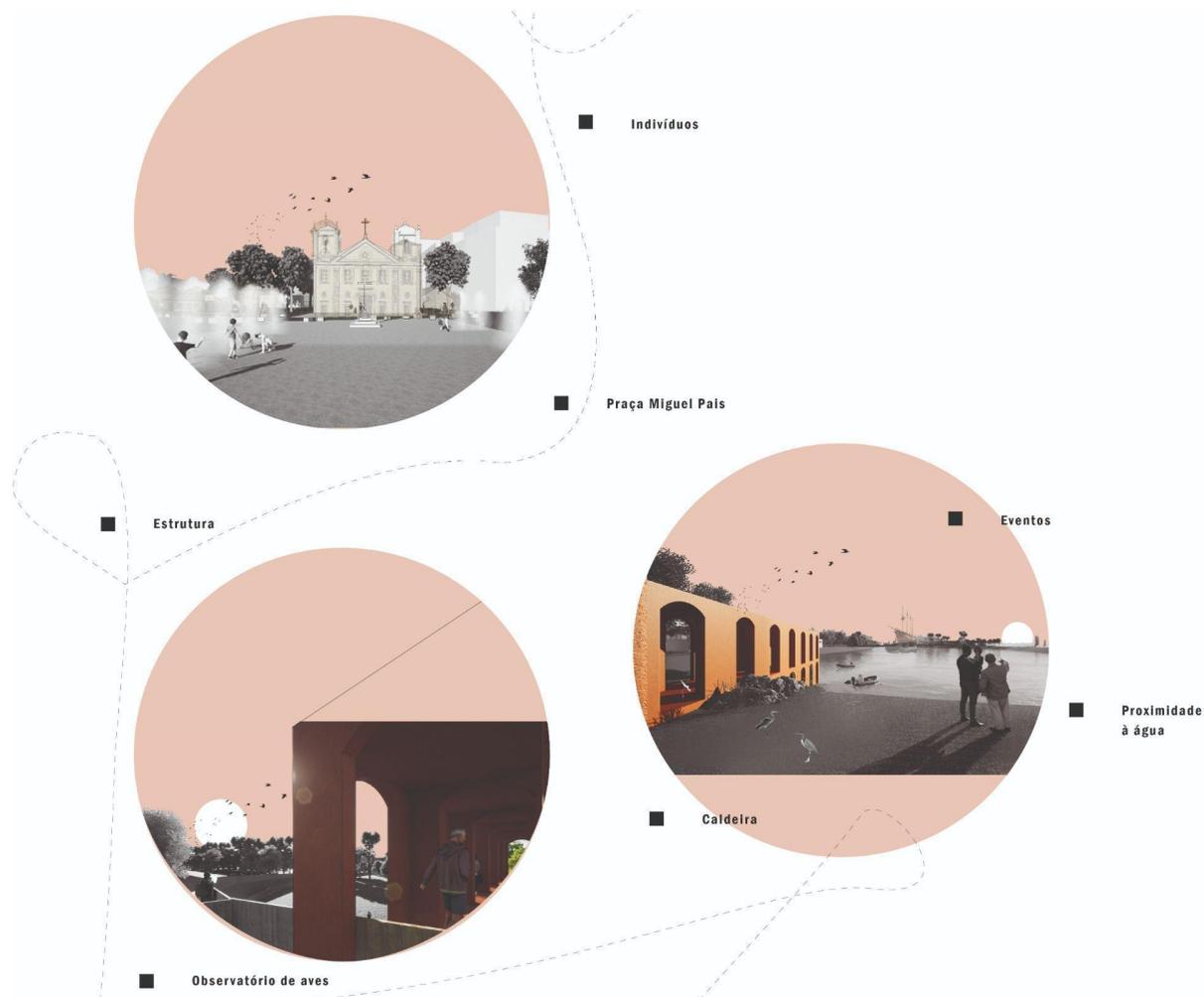
Partiu-se de três intenções centrais (Figura 3.4): a introdução dos caminhos a criar narrativas espaciais, a introdução de portas a enquadrar paisagens e ambientes e a introdução de estruturas de módulos num jogo com os sentidos de “lugar” e “não lugar”. A articulação destes três principais elementos faz a interação dos indivíduos aos eventos e às estruturas, num jogo de vazios e cheios, de espaços abertos e protegidos (Figura 3.5).

Figura 3.4 - Diagrama do projeto dos espaços públicos de acesso à Alburrica



Fonte: Barbara Bravo, 2021

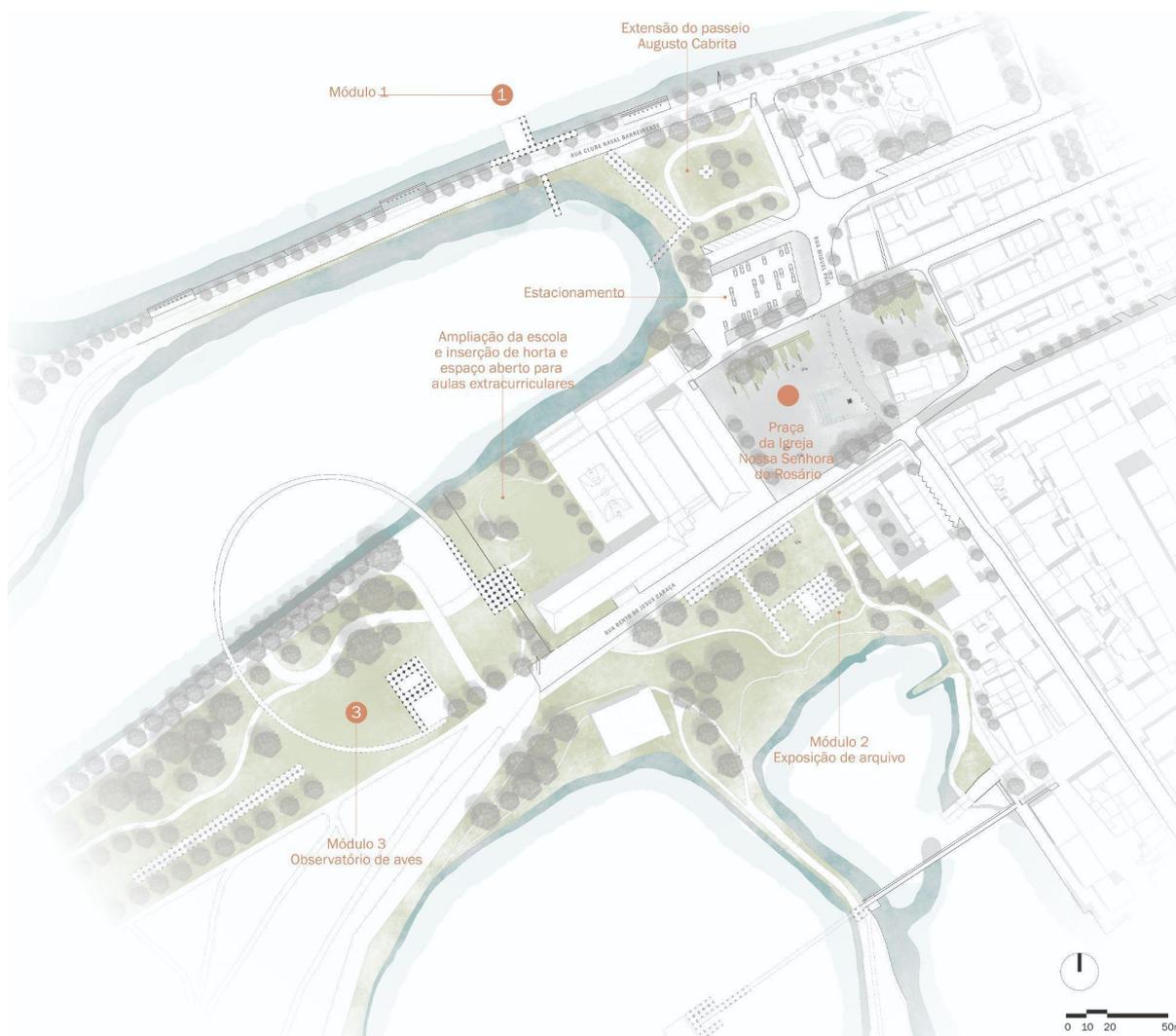
Figura 3.5 - Diagrama conceitual do projeto dos espaços públicos



Fonte: Barbara Bravo, 2021

A estratégia baseou-se, primeiramente, na consolidação, reabilitação e reconstrução dos espaços públicos de acesso à Alburrica (Figura 3.6). Desta forma, foram incluídas diferentes materialidades relativas a cada percurso. O objetivo é mostrar e destacar as características da paisagem, diferenciando as superfícies de pavimentação de cada caminho particular, destacando-o dos demais. Foram marcadas as vias de acesso para os visitantes mantendo a natureza dos percursos existentes - a Rua Miguel Pais, a Rua Bento Jesus de Caraça e a Rua Clube Naval Barreirense - evidenciando assim estes três acessos, podendo compreender claramente a relação entre os diferentes percursos e espaços.

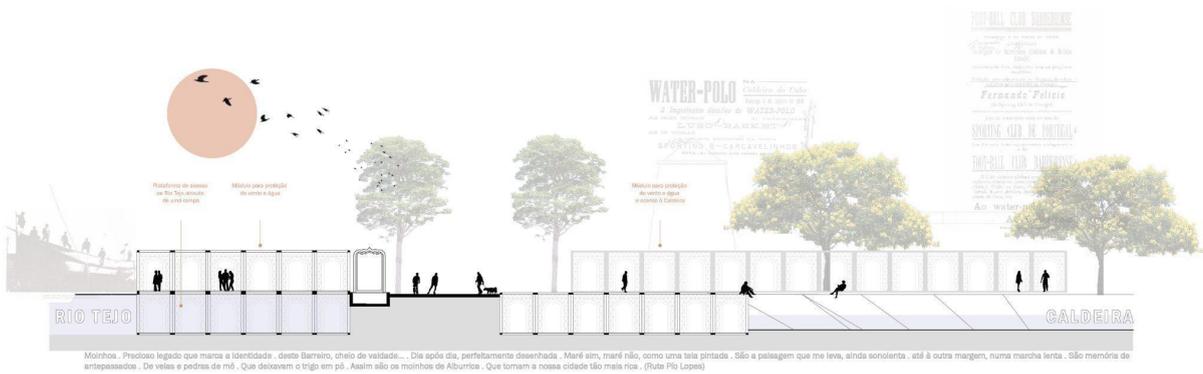
Figura 3.6 - Planta geral do projeto



Fonte: Barbara Bravo, 2021

Na Rua Clube Naval Barreirense foi criada a continuidade do passeio ribeirinho Augusto Cabrita, através da arborização do espaço, da introdução de módulos para apoio à restauração e da criação de proximidade com o rio a partir de rampa e plataforma a nível da água (Figura 3.7). Esta plataforma tem as condições para o abrigo de pequenas embarcações para apoio à pesca e ao desporto náutico.

Figura 3.7 - Plataforma de acesso ao rio

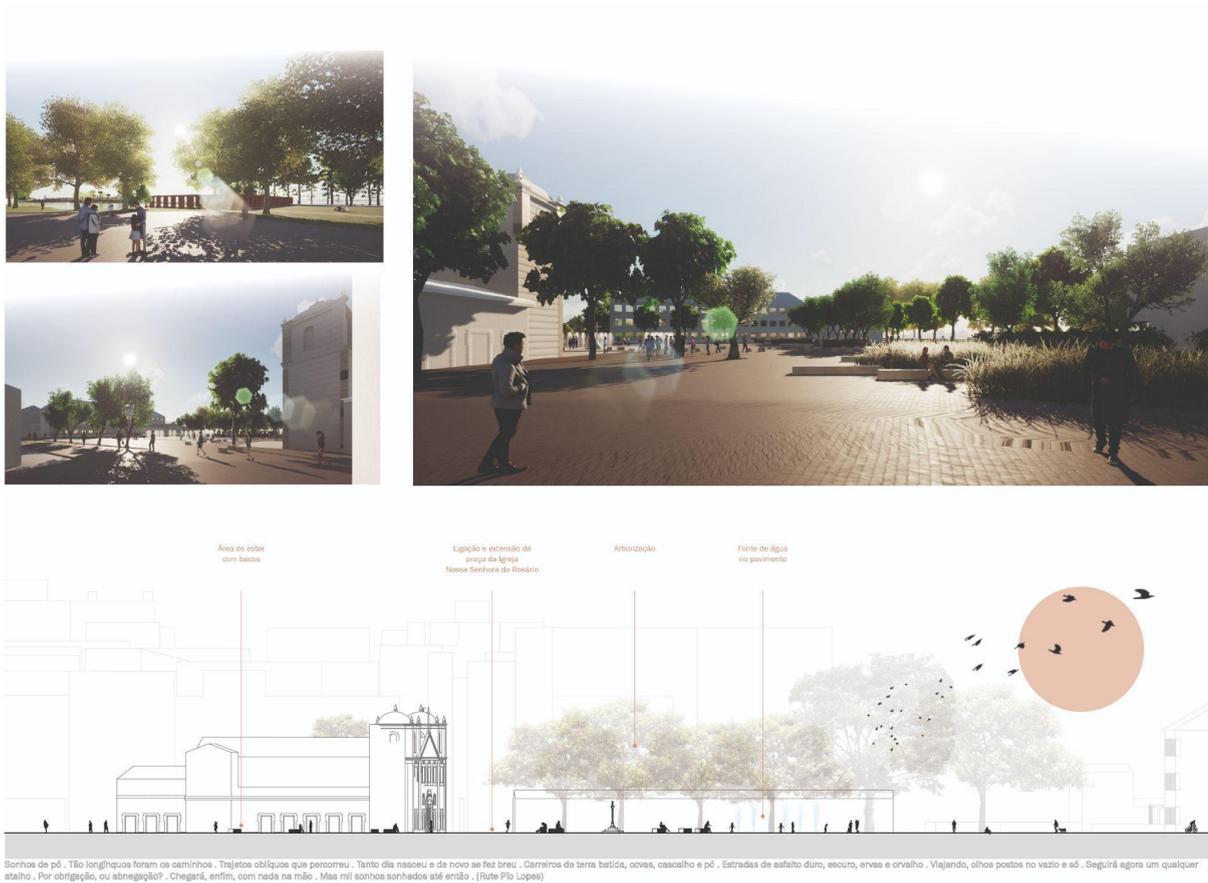


Fonte: Barbara Bravo, 2021

Na Rua Miguel Pais, foi proposta a união da praça lateral da Igreja da Nossa Senhora do Rosário com o espaço à frente da mesma, criando a leitura de uma praça mais extensa que une a igreja à escola (Figura 3.8). Isto deveu-se à elevação de parte da Rua Miguel Pais para agrupar estes espaços numa única praça. O estacionamento, por sua vez, foi realocado para a área

compreendida entre o passeio criado na Rua Clube Naval a norte e a praça criada na Rua Miguel Pais, de forma a dar suporte do acesso à zona de automóvel.

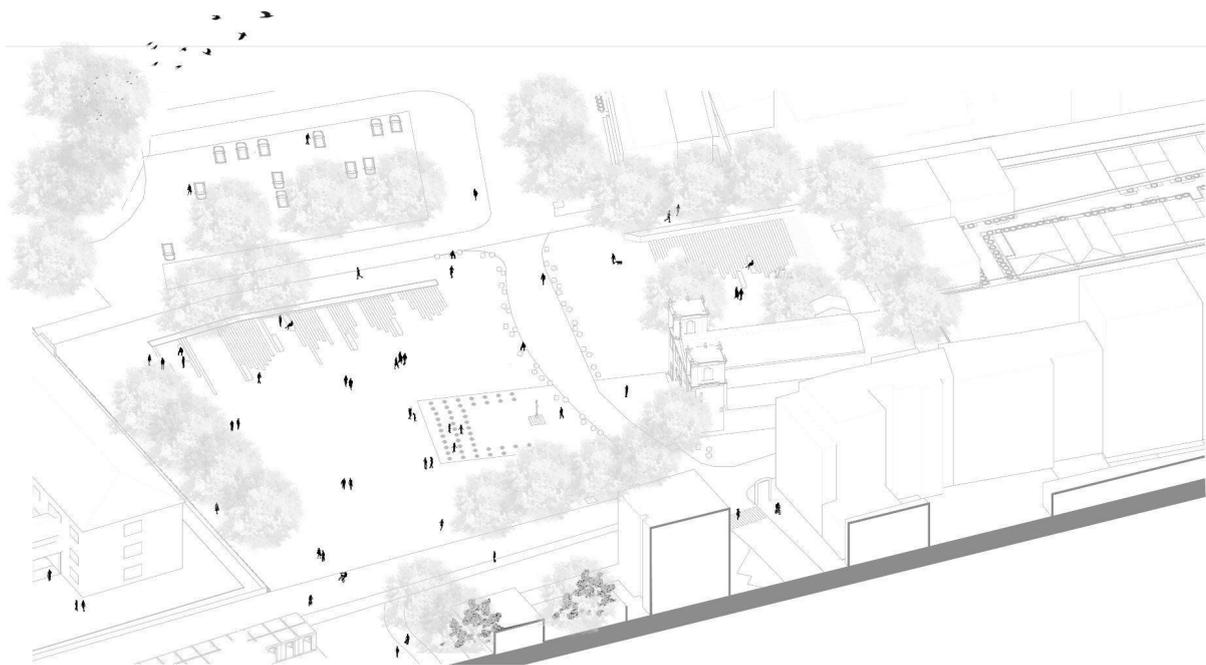
Figura 3.8 - Praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário



Sonhos de pó . Tão longínquos foram os caminhos . Trajetos oblíquos que percorreu . Tanto dia nasceu e de novo se fez breu . Carreiros de terra batida, ovas, cascalho e pó . Estradas de asfalto duro, escuro, ervas e orvalho . Viajando, olhos postos no vazio e só . Seguirá agora um qualquer atalho . Por obrigação, ou abnegação? . Chegará, enfim, com nada na mão . Mas mil sonhos contidos até então . (Rute Pio Lopes)

Fonte: Barbara Bravo, 2021

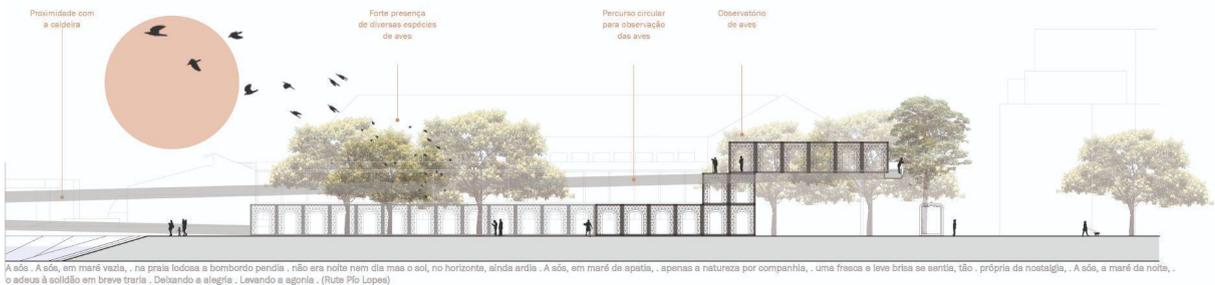
Figura 3.9 - Vista isométrica da Praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Barbara Bravo, 2021

Na Rua Bento de Jesus Caraça foram introduzidos módulos na extensão da rua em frente à escola de forma a limitar a área da caldeira do moinho pequeno e dar suporte às atividades de educação ambiental e de investigação científica. Também foi criado um espaço para observação das aves num circuito circular que permite a aproximação da caldeira a norte e a subida até a cobertura arbórea alóctone, onde concentram-se as garças (Figura 3.9). Esta leve edificação permite a observação por diferentes perspetivas bem como uma melhor sinalizado para compreensão do espaço protegido. Os limites da escola foram ampliados na proximidade do observatório.

Figura 3.10 - Observatório das aves



Fonte: Barbara Bravo, 2021

A Alburrica é parte integrante de um sistema de estuário cujo ecossistema é essencial para a vida humana, a fauna e a flora. Proporcionam importantes recursos pesqueiros bem como servem de zonas de crescimento e reprodução de espécies de peixes e aves. Entendendo a sua importância, é essencial alguns cuidados nas atividades neste local. Neste sentido, o programa enquadram-se nas atividades portuárias de pequeno porte e atividades ligadas ao relaxamento e lazer, à prática de desportos náuticos, educação ambiental e de investigação científica.



# Conclusões

Neste estudo, a criação de espaços faz parte de um processo de cooperação público-cívica, com a comparticipação de recursos e de responsabilidades de forma a gerar maior participação dos atores locais nas questões de desenvolvimento das cidades. São, em larga medida, boas práticas urbanas e públicas para alcançar melhores e criativas soluções.

Os significados de um lugar devem ser apreendidos em seus diversos aspetos: área geográfica condicionada económica e politicamente, seus quadros - formais e informais - e seus modos de apropriação. Caracterizar uma área específica é um processo que se deve reconhecer sua complexidade nestes vários aspetos e demanda ações passivas (observação, pesquisa, etc.) e ativas (conversa, entrevista, etc.).

A área de intervenção - Quinta Braamcamp e Alburrica - é provida de muitas memórias (individuais e/ou coletivas) e valor ambiental. As escalas de afetação destes aspetos são diversas e devem ser incluídas, seja no nível macro ou micro. Estas características patrimoniais (material e imaterial) e ambientais traduzem a sua peculiaridade e devem ser resguardadas.

O desenvolvimento da sensação de pertencimento e o envolvimento são cruciais para o seu sucesso. Somado a isto, a existência dos diversos atores colectivos que caracteriza o Barreiro indicam a oportunidade da coprodução e cogovernança, ou seja, que aquela área possa ser produzida e gerida a partir dos vários atores no território, num processo participativo de forma a garantir uma cidade democrática e aberta a todos.

Expostas estas questões, foram explorados métodos e práticas com os moradores e coletividades locais para se refletir sobre as possíveis reapropriações deste espaço público e elaborado um projeto de arquitetura visando a regeneração urbana da península da Alburrica considerando as diversas escalas. O acesso ao espaço público no sentido físico e político foi o tema central deste estudo e reflete-se nas intenções projetuais, onde delineou-se os lugares poéticos da memória e da paisagem, num jogo com os sentidos de “lugar” e “não lugar” a partir dos indivíduos, de estruturas e dos possíveis eventos.



# Referências bibliográficas

Arendt, Hannah (2007) A condição humana. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer - 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Associação Barreiro Património (2020) Website. Acesso em: <https://associacaobarreiropratrimonio.pt/>

Bauman, Z. (1999) Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Camarão, António (s/n)A Cortiça nas Ruas do Barreiro. Acesso em: [http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/fich/A\\_Corti\\_a\\_nas\\_Ruas\\_do\\_Barreiro.pdf](http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/fich/A_Corti_a_nas_Ruas_do_Barreiro.pdf)

Camarão, António (2010) Alburrica - Mexilhoeiro Um conjunto patrimonial. MUSA museus, arqueologia & outros patrimónios 3; Setúbal; 2010; pp. 215-220

Camarão, António (2014, 30 de Setembro) Alburrica – Mexilhoeiro Um conjunto patrimonial. Acesso em: <https://patrimoniobarreiro.wordpress.com/publicacoes/artigos/895-2/> a 19 de Janeiro de 2021.

Careri, Francesco (2013) Walkscapes: o caminhar como prática estética. Ed. G, Gili, São Paulo

Carmona, Rosalina (2009) Barreiro O lugar e a História: séculos XIV a XVIII. Ed. Junta de Freguesia do Barreiro.

Comissão Europeia (2020, 31 de Agosto) “Estratégia De Biodiversidade Da UE Para 2030.” Acesso em: [ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal/actions-being-taken-eu/eu-biodiversity-strategy-2030\\_pt](https://ec.europa.eu/info/strategy/priorities-2019-2024/european-green-deal/actions-being-taken-eu/eu-biodiversity-strategy-2030_pt)

De Souza, Marcelo L. (2015) Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial. Editora Bertrand Brasil

Dias, António (2012) Estuário do Tejo e as suas áreas ribeirinhas. Workshop Estejo Alburrica / coord. Rodrigo Reis Ollero das Neves, Maria de Fátima Silva Freire e Veiga ; org. Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. – (Ensaio) ISBN 978-989-640-149-8

Espaço Memória Futuro (2019) Visit Barreiro: Circuito Ribeirinho. Acesso em: <http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/pt/portal/visit-barreiro/circuitos/circuito-ribeirinho.html>

Fernando da Motta (2011). Introdução histórica ao Guia documental da Casa Reynolds/ Sociedade Nacional de Cortiças, capítulo “A indústria de cortiça e o Barreiro”. Acesso em: [http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/fich/MOTTA\\_Fernando\\_da\\_2011\\_Guia\\_documental\\_da\\_Casa\\_Reynolds-\\_Sociedade\\_Nacional\\_de\\_Corti\\_as\\_\\_CMB.pdf](http://memoriaefuturo.cm-barreiro.pt/arq/fich/MOTTA_Fernando_da_2011_Guia_documental_da_Casa_Reynolds-_Sociedade_Nacional_de_Corti_as__CMB.pdf)

Ghel, Jan (2017) A vida entre edifícios. Ed. Tigre de Papel, Lisboa

Jacobs, Jane (2011) Morte e Vida De Grandes Cidades. WMF Martins Fontes.

Merleau-Ponty (1960) O olho e o espírito. Nova Vega, Limitada, 10ª edição (2018).

Le GOFF, Jacques. (1996) Memória. IN: LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4º ed. Campinas: Unicamp.

Lefebvre, H., Fortuna, C., Villar, S., Baleias, A., & Lopo, R. (2012). O direito à cidade. Letra Livre.

Motta, Fernando da (2011) Introdução histórica ao Guia documental da Casa Reynolds/ Sociedade Nacional de Cortiças

Nesbitt, Kate (org.) (2013) Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Ed. Cosac Naify, 2ª ed. rev. Textos: Arquitetura e limites I, II e III Bernard Tschumi, pp. 172-187

NORA, Pierra (1993) Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28

Paupério, João e Rebelo, Maria (2021) (Não)desenhar importa?. Artigo escrito a propósito do "Drawing Matter Prize 2021". In Punkto, Edição #33. Acesso em: <https://www.revistapunkto.com/2021/10/nao-desenhar-importa-atelier-local.html>

Pena, Selma (2020, 28 de Junho) "Carta Aberta Ao Senhor Primeiro-Ministro: a Visão De Ribeiro Telles e o Plano de Recuperação Económica." PÚBLICO, Público. Acesso em: [www.publico.pt/2020/06/29/opiniao/opiniao/carta-aberta-senhor-primeiroministro-visao-ribeiro-telles-plano-recuperacao-economica-1920788](http://www.publico.pt/2020/06/29/opiniao/opiniao/carta-aberta-senhor-primeiroministro-visao-ribeiro-telles-plano-recuperacao-economica-1920788)

Quercus (2019) Avaliação Ecológica Quinta Braamcamp: Levantamento e caracterização da flora e vegetação

Sennett, Richard (2014) Construir e Habitar: ética para uma cidade aberta. Rio de Janeiro: Record



**Espaços públicos na democratização e direito à  
cidade no Barreiro: coprodução e cogovernança a  
partir dos vários atores na Braamcamp**

Barbara Alves Pinto Bravo

93x35px

**Título**

Barbara Alves Pinto Bravo